

JOSÉ EVANDO DE SOUSA

UMA
HISTÓRIA
PARA CONTAR

*Casos e causos nestes 50 anos
de criação da Diocese de Itapipoca
sob a visão do autor*

EDIÇÕES
INESP

UMA HISTÓRIA PARA CONTAR

*Casos e causas nestes 50 anos
de criação da Diocese de Itapipoca
sob a visão do autor*



JOSÉ EVANDO DE SOUSA

UMA HISTÓRIA PARA CONTAR

*Casos e causas nestes 50 anos
de criação da Diocese de Itapipoca
sob a visão do autor*



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o
Desenvolvimento do Estado do Ceará

Fortaleza-CE
Fevereiro | 2021

Copyright by Inesp © 2021

INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE
O DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DO CEARÁ - INESP

Diretor Executivo

Prof. Dr. João Milton Cunha de Miranda

Assistência Editorial

Valquíria Moreira, Rachel Garcia

Projeto Gráfico e Diagramação

Valdemice Costa de Sousa (Valdo)

Ilustrações

Patrícia Thais Rodrigues de Sousa

Revisão

Lúcia Jacó Rocha

Impressão

Gráfica do Inesp

Orientador da Célula de Edição e Produção Gráfica

Ernandes do Carmo

Equipe da Gráfica do Inesp

Cleomárcio Alves (Márcio), Edson Frota,
Francisco de Moura, Hadson França, João Alfredo,
Mário Giffoni, José Gotardo Filho

Equipe de Produção em Braille

Aurenir Lopes, Tiago Melo Casal

Catalogado por Daniele Nascimento CRB-3/1023

S725h Sousa, José Evando de.

Uma história para contar [livro eletrônico]: casos e causos nestes 50 anos de criação da Diocese de Itapipoca sob a visão do autor / José Evando de Sousa. – Fortaleza: Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, INESP, 2020.

13466 Kb ; PDF

ISBN 978-65-88252-24-6

1. Itapipoca (CE) – História. 2. Paróquia de Itapipoca (CE) – história. 3. Padres – biografias. I. Ceará. Assembleia Legislativa. Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado. II. Título.

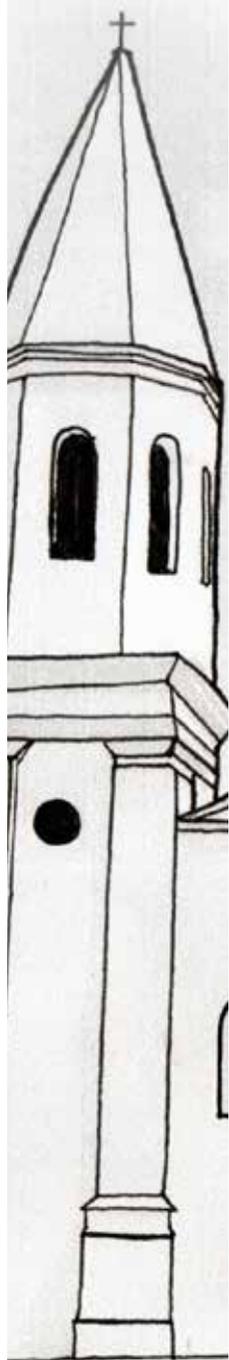
CDD 981.31

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS ÀS EDIÇÕES INESP.

A presente obra não poderá ser comercializada e sua reprodução, total ou parcial, por quaisquer meios reprográficos ou digitais, deverá ter a autorização prévia do Inesp.



Isso é um pouco da minha história, da minha caminhada ao longo destes meus 65 anos de vida. Entendo que quando não se acredita mais, perde-se por completo o sentido de viver.



Sumário

Apresentação	9
Prefácio	11
Palavra de Dom Antônio Roberto Cavuto	13
Introdução	15
CAPÍTULO 1 – Conhecendo o autor, José Evando de Sousa	17
CAPÍTULO 2 – Dom Paulo Eduardo de Andrade Ponte	35
Movimento de Educação de Base - MEB	55
Mais sobre a vida da nova diocese	58
CAPÍTULO 3 – Eleição e Nomeação de Dom Benedito Francisco de Albuquerque, segundo Bispo Diocesano de Itapipoca	77
A Sagração Episcopal e Posse	78
Obras realizadas no episcopado de Dom Benedito.....	109
CAPÍTULO 4 – Dom Antônio Roberto Cavuto, OFMCap - Terceiro Bispo de Itapipoca	115
Dedicatória	138



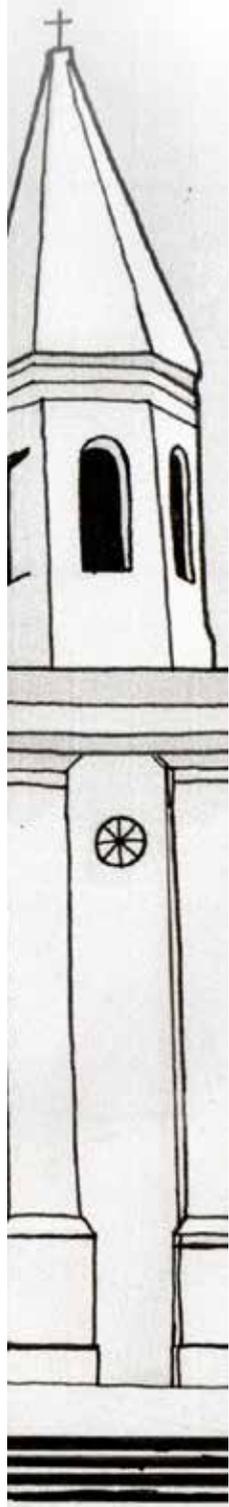
Apresentação

Inconteste a importância do município de Itapipoca para a Região Norte cearense e para todo o Ceará. Sua riqueza mostra-se não somente em sua economia, mas, também, na cultura local e no cuidado com o meio ambiente diverso. A cidade dos três climas possui praias, serras e sertão e é uma das mais populosas do estado com avultados índices de crescimento e com necessidades que a tornam alvo do trabalho do Legislativo Estadual.

A obra *50 Anos da Diocese de Itapipoca* é uma fonte de pesquisa que colabora para o trabalho parlamentar pois mostra a riqueza de valores, lutas, conquistas na Diocese e, também, é um registro para as novas gerações.

A Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, por meio do seu Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará, tem a honra de editar e distribuir esta obra, que contribuirá para o empoderamento dos cearenses.

Deputado Estadual Evandro Leitão
Presidente da Assembleia Legislativa do Ceará



Prefácio

O Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará - Inesp - sendo um órgão de memória que tem, dentre suas atribuições: a articulação de conhecimentos em prol do desenvolvimento do Estado e, dentre os seus objetivos, propor medidas para o desenvolvimento cultural do Ceará e a editoração de livros, publica o “50 Anos da Diocese de Itapipoca”.

O livro é dividido em capítulos que falam sobre o autor, José Evando de Sousa, sobre Dom Paulo Eduardo de Andrade Ponte, a Eleição e Nomeação de Dom Benedito Francisco de Albuquerque e Dom Frei Antônio Roberto Cavuto.

A publicação trata, também, das dificuldades enfrentadas em 1971, como infraestrutura, número reduzido de padres, via de acesso inadequado às paróquias, situação financeira, dentre tantas outras.

A Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, por meio do seu Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará, orgulhosamente, disponibiliza ao cearense esta obra que resguarda a memória religiosa do povo cearense.

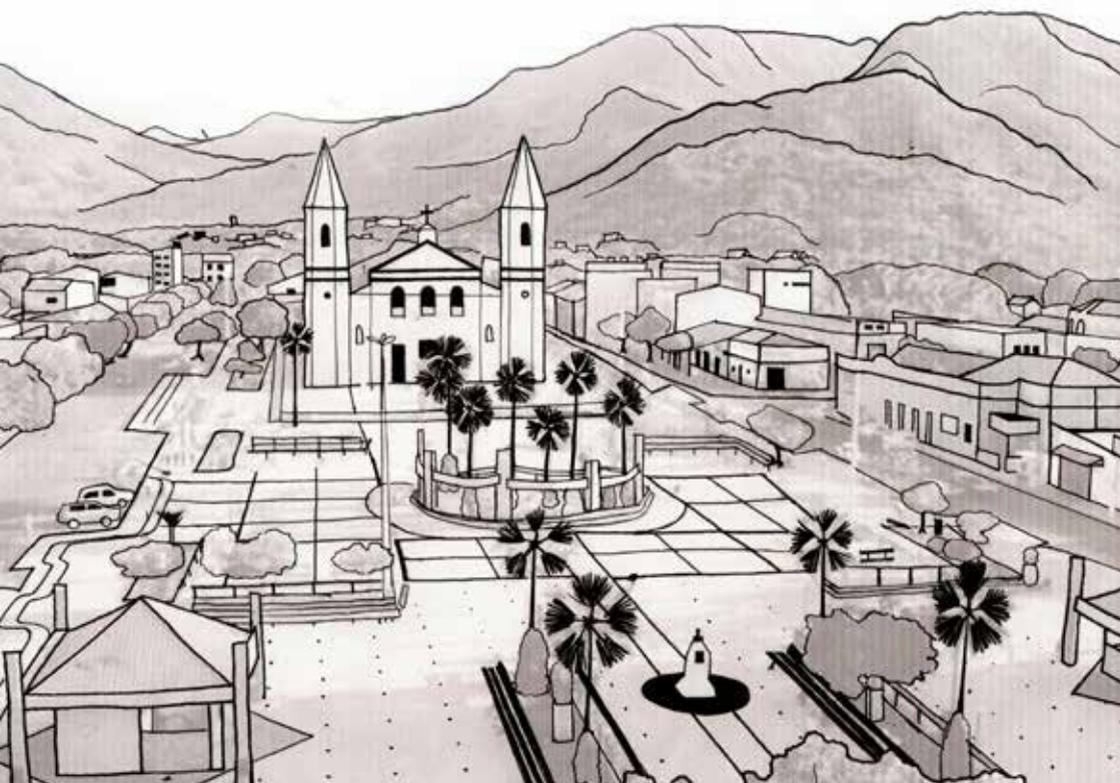
Prof. Dr. João Milton Cunha de Miranda
*Diretor Executivo do Instituto de Estudos e Pesquisas
sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará - Inesp*



Palavra de Dom Frei Antônio Roberto Cavuto

Há quatorze anos que estou servindo à Diocese de Itapipoca como bispo diocesano. Desde o início, Evando tem sido meu motorista, como o foi, também, de meus dois antecessores, Dom Paulo e Dom Benedito. Em nossas viagens, dentro e fora da diocese, curtas ou longas sempre conversamos sobre vários assuntos e partilhamos as nossas experiências. Quase todos, senão todos os casos e causos relatados por ele neste livro eu já ouvi, achando interessante o conhecimento que Evando tem da história da diocese, que ele acompanha desde a sua adolescência. Sempre disse a ele que registrasse essa memória para que ela chegasse aos pósteros. E agora, ele nos brinda com este livro, que nos revela parte da história da diocese, segundo a sua visão. Esta é uma das iniciativas que estão sendo encaminhadas na preparação da festa dos cinquenta anos da criação da Diocese de Itapipoca, que acontecerá em 2021. A você, Evando, a gratidão minha e da diocese pelo serviço que você nos presta com alegria e generosidade e pela contribuição que deixa para a nossa história.

*Dom Frei Antônio Roberto Cavuto, OFMCap
Bispo Emérito de Itapipoca*



Introdução

Este livro conta a história da criação da Diocese de Itapipoca – sob o olhar do autor – que teve seu início, em 1971, e mostra as dificuldades da época: infraestrutura, número reduzido de padres, via de acesso inadequado às paróquias, situação financeira, dentre tantas outras.

É uma obra que tem como objetivo mostrar a riqueza de valores, lutas, batalhas, conquistas e vitórias em todas essas décadas na Diocese de Itapipoca e, também, deixar como registro para as novas gerações, boa parte da caminhada e os esforços de suas Excelências Reverendíssimas, os senhores bispos.



Capítulo 1

Conhecendo o autor, José Evando de Sousa

Nasci em 07 de dezembro de 1951, na comunidade de Itacoatiara, distrito de Arapari, em Itapipoca/CE. Filho de Raimundo Tomé de Sousa e Estela Teixeira de Sousa, juntamente, com meus sete irmãos: Maria Edna de Sousa, Maria Socorro de Sousa, José Evaldo de Sousa, José Gilberto de Sousa, José Américo de Sousa, José Maria de Sousa e Maria Vera Lúcia de Sousa.

Comecei a estudar na mesma localidade onde, com muita dificuldade, me alfabetizei. Em seguida fui morar em Itapipoca com o objetivo de prosseguir meus estudos. Logo surgiu o convite para fazer uma experiência, em Fortaleza, trabalhando com um padre que estava como vigário na Paróquia de Nossa Senhora das Mercês, e tinha sido transferido para Fortaleza a fim de ser cooperador na Paróquia São Gerardo, ficando, especificamente, na igreja de São Judas Tadeu, bairro Olavo Bilac. Fiz minha matrícula no Colégio Santa Izabel, pois meu objetivo era estudar, mas as dificul-

dades eram enormes; com uma vida diferente daquela do interior, tudo se tornava mais difícil. Contudo, trabalhando e estudando, concluí o então primeiro grau.

Trabalhava em uma indústria chamada CEMEC, especializada na construção de transformadores e, como não tinha profissão definida, passei por muitas dificuldades. No entanto, aprendi muitas coisas que me ajudaram na minha caminhada. Em 1972, retornei a Itapipoca e logo que consegui um trabalho numa loja de tecidos, retomando meus estudos na Escola Normal, hoje Colégio Estadual Joaquim Magalhães.

Sou de uma família, tradicionalmente, muito religiosa. Nesse tempo, a Diocese de Itapipoca estava no início de sua criação e já contava com alguns jovens que desejavam ser padres. O primeiro bispo de Itapipoca, Dom Paulo Eduardo de Andrade Ponte, tratou de criar o Seminário Menor – mesmo ainda sem local definido – ficando cada um na sua própria casa, sendo acompanhado por ele. Aquilo me deixou curioso e me deu um desejo de participar, também, daquele grupo.

Falei com o bispo e passei a fazer parte dos primeiros seminaristas da diocese, sendo que essa experiência não durou muito tempo, por motivo superior. Foi muito bom, aprendi bastante e posso dizer que ficaram reflexos positivos até os dias atuais. Mas como minha mãe era viúva e meus irmãos todos já casados, me senti na obrigação de trabalhar para manter a casa. Esse foi o verdadeiro motivo de minha saída. Contudo, não me afastei da igreja e sempre tive uma ótima amizade com o grupo e, maior

ainda, com Dom Paulo, que para mim era como um verdadeiro pai que não tive.

Em 1973, deixei a loja de tecidos e comecei a trabalhar como motorista de táxi, fazendo viagens, lotação para Fortaleza e em toda região itapipoquense. Era uma época de muitas dificuldades, não tinha um só distrito de Itapipoca que tivesse carro para transportar um passageiro e, com isso, eu “rodava” muito e enfrentava perigos com as estradas ruins, principalmente, na região serrana, onde eu transitava bastante. Lisas no período invernos e, quando chegava o verão, ficava uma grande buraqueira, uma vez que naquele tempo houve grandes invernos, isso nos anos de 1973-1975 e uma boa parte de 1976. Uma experiência que ficou gravada na minha vida e sou grato a Deus pelas coisas boas que aconteceram comigo.

Em agosto de 1975, casei-me com Maria Lenira de Sousa e comecei uma nova etapa na vida; muitos desafios, sem casa para morar, sem um emprego definido, uma responsabilidade muito grande e, acima de tudo, uma mãe e uma irmã para serem cuidadas por mim.

Sempre fui um homem de muita fé e coragem para enfrentar os desafios da vida. Como já relatei, anteriormente, tinha uma grande amizade com as pessoas que trabalhavam na diocese, inclusive com o bispo diocesano e, em dezembro de 1976, surgiu uma vaga de motorista no Movimento de Educação de Base - MEB, que era mantido pelo Ministério de Educação e Cultura- MEC , e administrado e acompanhado pela Diocese de Itapipoca, tendo uma equipe de oito pessoas cuja coordenadora

era minha amiga Professora Maria Vilany Montenegro, muito atenciosa comigo e me convidou para preencher a vaga. Isso foi uma graça de Deus, um presente que chegou em uma boa hora, até porque era recém-casado e o trabalho anterior não tinha nenhuma estabilidade.

Comecei a trabalhar realizando visitas em vários municípios como Pentecoste, Apuiarés, São Luiz do Curu, Uruburetama, Trairi e na própria sede de Itapipoca. Era uma equipe maravilhosa que trabalhava com escolas, especificamente com o homem do campo, o trabalhador rural. Eram esses os amigos que formavam a equipe do MEB: Maria Vilany Montenegro, Maria Dalva Pacheco Teixeira (in memoriam), Maria Nazaré Martins, Maria Wilanir Arnoud, Maria Nair Soares, João de Sousa Teixeira, Francisco Davino de Sousa e eu.



Equipe do MEB - Movimento de Educação de Base. Fonte: Arquivo Pessoal

Foi uma caminhada de oito anos de muita aprendizagem, tanto com as comunidades quanto na convivência com os colegas de trabalho que desempenhavam aquele ofício com muito amor e dedicação, uma verdadeira evangelização, pois, se trabalhava o homem no seu todo, como conviver em sua própria comunidade, círculos bíblicos, o trabalho em mutirão, hortas comunitárias, cursos profissionalizantes em bordado, corte e costura e, sobretudo, a alfabetização que deveria ser do Estado, mas a igreja era quem assumia, porque o poder público não fazia.



Cerimônia de encerramento do curso profissionalizante de corte e costura promovida pelo MEB - Movimento de Educação de Base. Fonte: Arquivo Pessoal

Em 1983, foi um ano muito abençoado para mim e minha esposa: nasceu nosso primeiro filho; depois de oito anos casado tive a graça de ser pai de um filho mara-

vilhoso, dando-lhe o nome de Ricardo George de Sousa e que nos trouxe muitas felicidades.

Em 1984, deixei o MEB e fiquei à disposição da diocese, pois, já que eu tinha feito alguns cursos profissionalizantes: bombeiro hidráulico e eletricitista instalador.

Dom Paulo gostava muito de dirigir e nesse tempo surgiam muitas construções de capelas e salões comunitários, e eu era designado para fazer estes trabalhos me tornando-me profissional graças à minha dedicação nessa área, tanto na função de eletricitista quanto bombeiro hidráulico.

Mesmo trabalhando na diocese, mantinha um contrato com o Banco do Brasil e o Clube Associação Atlético Banco do Brasil-AABB para dar manutenção em suas instalações. Assim, fiquei até 1984, ano em que Dom Paulo Ponte foi transferido para a Arquidiocese de São Luiz do Maranhão. Nesta situação, fiquei à disposição da diocese, uma vez que chegara o novo bispo.

Trabalhei, diretamente com o Pe. Felipe, jesuíta, que trabalhava na diocese e que tinha sido eleito pelo Conselho Presbiteral para ser o Administrador Diocesano – por ser muito preparado e com mais idade – até a chegada do novo bispo. Andamos muito nas paróquias uma vez que Pe. Felipe era muito zeloso e cuidadoso com tudo que Dom Paulo tinha deixado, dando continuidade aos trabalhos de reformas, manutenção do Seminário filosófico, em Fortaleza, o Seminário Menor, em Itapipoca, acompanhando de perto os trabalhos da Cúria e na preparação para a festa de posse do novo bispo que já havia sido nomeado, e sua chegada estava marcada para

o dia 5 de maio de 1985. Foi prazeroso fazer parte dessa história, mesmo ocupando um cargo muito simples na diocese, sempre na profissão de motorista, mas ciente das minhas responsabilidades de católico e com o cargo que ocupo até os dias de hoje.

Muitas reuniões que foram feitas no sentido de organizar, junto às comunidades e aos movimentos das paróquias, uma festa grande e bonita para a chegada do novo bispo. Pe. Felipe teve grande cuidado e zelo na administração da diocese, no período em que ficou vacante. Sem dúvida, contribuiu bastante com a diocese, mesmo porque já trabalhava como cooperador da Paróquia de Amontada e respondia pela Paróquia de São Pedro de Miraíma. Com a chegada do Dom Benedito Francisco de Albuquerque, em 5 de maio de 1985, ele foi nomeado vigário geral da diocese.

Em 1987, nasceu Renata Keylla de Sousa, nossa segunda filha que só veio aumentar nossa felicidade. Agora era um casal que nos proporcionava alegria e mais responsabilidade para criá-los e educá-los, em todos os sentidos.

Com a chegada de Dom Benedito, passei a acompanhá-lo como motorista e secretariando-o nas suas viagens, tanto nas paróquias quanto em outras viagens que fazia para Fortaleza, noutras dioceses do Regional e até em outros estados. Incontestavelmente, foi grande a aprendizagem que tive junto às comunidades e, ao mesmo tempo, com o bispo, que era um exemplo de humildade, focado sempre no diálogo e em promover a paz entre as famílias. Com isso, eu aprendia a importância

da convivência com as pessoas e o verdadeiro sentido de família.

Uma das primeiras viagens que fiz foi para Diocese de Sobral, em 1986, a convite de Dom Walfrido Vieira, bispo diocesano. Era semana santa e Dom Benedito celebraria a Missa dos Santos Óleos.

Em 1992, tive uma curiosidade e, ao mesmo tempo, um desejo de fazer uma experiência na vida política no meu município. Candidatei-me a vereador pelo PSDB. Naquele ano quem governava o Ceará era Tasso Jereissati (hoje senador pelo Ceará, PSDB), fazendo um excelente trabalho. Aquilo me entusiasmou a entrar na política partidária achando que era importante pessoas de bem assumirem uma função na vida pública.

Apesar de não ter experiência na esfera política, contava com boas amizades e apoio familiar, com isso me candidatei e fui eleito em uma campanha sem estrutura financeira. Mas diante de todas as dificuldades, foi uma eleição bonita, porque fui eleito com quatrocentos e dois votos de pessoas que entenderam a mensagem, que transmiti durante toda a campanha eleitoral.

Assumindo o cargo de vereador, procurei ter o cuidado de aprender e estudar o papel do legislador. Também, não deixei de assumir o meu papel como motorista da diocese e, sempre dentro da ética, busquei não misturar política com o meu trabalho e não envolver a Igreja nos assuntos partidários.



Entre todos os projetos e requerimentos apresentados por mim e aprovados por todos os vereadores, gostaria de ressaltar alguns: 1) Projeto de lei que transformou a *Cáritas Diocesana* em uma entidade de utilidade pública; 2) Ponto facultativo nos festejos de São Francisco de Assis (Paróquia de São Francisco – Fazendinha); 3) Denominação de várias ruas, no bairro Ladeira, rua Vicente Siebra, no bairro Coqueiro e Avenida Esaú Alves, que liga a Avenida Anastácio Alves Braga ao Parque de Exposição.

Sempre fiz questão de homenagear filhos de Itapipoca que tiveram importância, em vida, e, assim, valorizar as famílias da nossa terra. Como serrano, filho de Itacoatiara, consciente das dificuldades das crianças estudarem naquela comunidade, que não possuía sequer uma sala de aula construída pelo poder público, sendo necessário estudarem em casas de família, ou em um salão que pertencia a um movimento chamado Círculo Operário, construído pelo saudoso Pe. Abelardo (pároco da Paróquia de Nossa Senhora das Mercês), e, na condição de vereador, uma das minhas prioridades do primeiro mandato foi conseguir, junto ao poder executivo, a construção de uma escola com duas salas de aula e uma cantina; cuidando, também, de manter sempre uma estrada recuperada que desse condições de deslocamento para alunos e demais pessoas da comunidade.



Inauguração de Grupo Escolar na Comunidade de Itacoatiara, distrito de Arapari/Itapipoca-Ce. Fonte: Arquivo Pessoal

Na localidade de Mergulhão dos Nobertos, no distrito Barrento, foi possível a construção do primeiro posto de saúde que funcionava, em uma comunidade, com consultas, curativos, aferição de pressão arterial, aplicação de aerosol e a distribuição de medicamentos para as famílias de baixa renda.



Inauguração de Posto de saúde na comunidade de mergulhão dos Nobertos, distrito Barrento/Itapipoca - Ce. Fonte: Arquivo Pessoal

Nessa comunidade, também, foi construído um salão comunitário para as reuniões da Associação, sendo a região beneficiada com um projeto para aquisição de gado leiteiro, que conseguimos junto ao governo do Estado que, na época, incentivava as comunidades com pequenos projetos dessa natureza. Nesse tempo, poucas comunidades eram beneficiadas com energia elétrica. O governo criou um programa que se chamava Luz no Campo e era execu-

tado por associações, tirando das prefeituras o poder de execução e, graças a essas mudanças, conseguimos eletrificar toda a comunidade, e também as comunidades de Jatobá e Itacoatiara, no distrito de Arapari.



Entrevista na Câmara Municipal de Itapipoca - Ce. Fonte: Arquivo Pessoal

Em 1996, fui eleito para o meu segundo mandato com o dobro dos votos que tive na primeira eleição. Já com bastante experiência dei continuidade às atividades políticas, porém, sempre trabalhando na diocese. Priorizando e dedicando-me ao povo, em visitas às co-

munidades, procurei fazer uma política de conscientização, orientando no sentido de mostrar que a política é um bem comum e não deve ser para agradar a um grupo ou pessoas particulares. Esse foi, sem dúvida, o maior trabalho que desenvolvi na condição de vereador, pois acabamos por ser agentes sociais. Contudo, muitas foram, as vezes em que mais atrapalhamos que ajudamos, considerando o fato de uma cultura já enraizada no nosso povo que vota mas quer sempre algo em troca: documentos, medicamentos, passagens e até mesmo transporte para voltar para sua casa.

Em 1998, fui eleito vice-presidente da Câmara, juntamente com a candidata a presidente, vereadora Raimundinha de Sousa Teixeira. Assim, conclui meu segundo mandato, podendo dizer que valeu a experiência, mesmo com todas as dificuldades citadas.

Nos anos 2000, me candidatei pela terceira vez e, com uma votação expressiva, acabei ficando numa primeira suplência por força da legenda. Assumi logo depois que um colega de Câmara ocupou uma secretaria. Essa foi a minha experiência como vereador, e particularmente, acho que contribui, de modo satisfatório, com o meu município.

Considero muito boa a experiência que tive em oito anos e seis meses como vereador de Itapipoca. Aprendi muito e pude constatar que, muitas vezes, a gente atrapalha mais do que ajuda, isso por conta da cultura da maioria dos nossos eleitores que contribui, em muito, para o desvio de função do parlamentar. O vereador termina

sendo um assistente social quando, na verdade, sua função é legislar, fiscalizar e representar o povo no poder legislativo. Mas, a experiência foi de suma importância para minha vida pessoal e profissional, pois pude compreender a máquina administrativa de uma Prefeitura.

Concluído meu terceiro mandato eletivo, dei continuidade ao meu trabalho na diocese. Na condição de motorista tinha como função, além de conduzir o bispo, secretariá-lo nas comunidades e cerimônias de Crisma realizadas nas visitas pastorais que aconteciam, anualmente, momento em que o bispo conhece, mais de perto, as comunidades, seus desafios, reunindo-se com os conselhos e movimentos das paróquias, estreitando o contato direto com seu rebanho. As visitas pastorais são realizadas todos os anos, geralmente, iniciando em maio e se estendendo até o final do ano. Segundo o Direito Canônico, o bispo tem que conhecer as paróquias e comunidades no período de cinco anos, algo, praticamente impossível.

Hoje, ainda trabalho na diocese, mesmo aposentado, mas entendo que o trabalho me faz muito bem e posso contribuir muito na função de motorista. Posso dizer que me sinto realizado com o trabalho, minha família que curto muito e, ao mesmo tempo, agradeço a Deus por meus dois filhos e uma netinha que estou curtindo muito este momento. Agradeço, também, a Deus em ter formado meus dois filhos, o Ricardo George de Sousa (Ricardinho), formado em Ciências Contábeis, pós-graduado e, a

Renata (Renatinha), formada em Engenharia Civil. Tudo isso é motivo suficiente para agradecer a Deus.

Em 41 anos de trabalho, na Diocese de Itapipoca tive (e tenho) o prazer de ter muitos amigos e amigas que, certamente, contribuíram para o meu crescimento, tanto como pessoa quanto profissional. Foram muitas coisas boas que aprendi ao longo desses anos, um ambiente ótimo, uma boa convivência com colegas de trabalho, amizades maravilhosas com os senhores padres e, acima de tudo, a riqueza que se aprende com as comunidades, isso é o que tem de mais positivo na minha permanência na Diocese de Itapipoca. Não posso deixar de ressaltar a confiança, o respeito, a amizade que os senhores bispos sempre tiveram comigo, um tratamento respeitoso e digno o qual agradeço de coração.

Dados profissionais de José Evando de Sousa

- Abril de 1977 fiz um curso pelo Instituto Nacional de Rádio e Televisão, preto e branco e a cores com 1030 horas;
- De 23 de novembro de 1978 a 22 de dezembro de 1978 com duração de 100 horas, participei, com sucesso, de um curso de eletricitista pela Fundação Brasileira de Assistência, divisão para o trabalho;
- Em 03 de outubro de 1992, fui eleito vereador do município de Itapipoca pelo Partido da Social Democracia Brasileira- PSDB;
- Em 09 de dezembro de 1992, participei do encontro dos vereadores eleitos para o período de 1993 a 1996, patrocinado pela Secretaria de Planejamento e Coordenação-Se-

plan e governo do Estado, Conselho de Contas dos Municípios – CCN e União dos Vereadores do Ceará (UVC);

- De 1º a 04 de fevereiro de 1996, no Centro de Treinamento da EMATERCE-CETREX, em Caucaia/CE, participei do primeiro Encontro das Coordenações representativas dos Conselhos Municipais de Desenvolvimento Sustentável-CMDS, com carga horária de 36 horas.
- Em 03 de outubro de 1996, fui eleito, pela segunda vez, vereador do município de Itapipoca pelo Partido da Social Democracia Brasileira- PSDB, com um total de 799 votos;
- Em 15 de maio de 1997, participei em Itapajé/CE, de um Simpósio Regional sobre Administração Municipal, promovido pelo Tribunal de Contas dos Municípios-TCM;
- Em 28 de agosto de 1997 participei de mais um encontro de vereadores promovido pela União dos Vereadores do Ceará (UVC) com apoio da SECCIONAL de Itapajé/CE;
- Em 04 e 05 de dezembro de 1997, participei da Segunda Conferência Estadual dos Direitos Humanos, em Fortaleza/CE;
- De março de 1997 a março de 1999, representei como conselheiro e titular, em conformidade com a Lei 8080/90 do Sistema Único de Saúde-SUS e recomendações da plenária do Conselho Estadual de Saúde-CESAU, em cumprimento à Lei Municipal nº 189, de 14 de dezembro de 1993;
- Em dezembro de 1997, fui eleito vice-presidente da Câmara Municipal de Itapipoca para o período de 1998 a 2000;
- Em 30 de março de 2015, concluí meu curso do Ensino Médio, pelo Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) Pe. Luiz Gonzaga Xavier;

- De 29 de maio a 29 de setembro de 2016, concluí o curso de Formação Profissional de Radialista em nível médio, com duração de 240 h/a, na função de locutor.

Isso é um pouco da minha história, da minha caminhada ao longo de meus 65 anos de vida, dedicados ao trabalho, à minha família, sempre procurando, na condição de cidadão, contribuir com as minhas obrigações de pai, esposo, amigo e companheiro, sempre acreditando que ainda vale a pena esperar que dias melhores virão. Entendo que quando não se acredita mais, perde-se por completo o sentido de viver.



UMA HISTÓRIA PARA CONTAR | José Evando de Sousa

Capítulo 2

Dom Paulo Eduardo de Andrade Ponte



Antes de falar, diretamente, sobre Dom Paulo, acredito ser interessante apresentar a Diocese de Itapipoca. Essa Igreja particular é uma circunscrição eclesiástica da Igreja católica no Estado do Ceará. Está situada no norte do Estado, fazendo limites com as circunscrições eclesiásticas da Arquidiocese de Fortaleza e Diocese de Sobral. Ela abrange os seguintes municípios, em seus respectivos distritos: Amontada, Apuiarés, General Sampaio, Irauçuba, Itapajé, Itapipoca (sede diocesana), Itarema, Juritiana (distrito pertencente ao município de Acaraú), Miraima, Paracuru, Paraipaba, Pentecoste, São Luís do Curu, Tejuoca, Trairi, Tururu, Umirim e Uruburetama. A dio-

cese de Itapipoca foi criada, no dia 13 de março de 1971, pela Bula Papal QuiSummopere de S.S. Paulo VI, tendo como padroeira Nossa Senhora das Mercês.

Dom Paulo Eduardo de Andrade Ponte
(1º bispo 1971-1984)



Dom Paulo Eduardo de Andrade Ponte
(1º bispo 1971-1984).

Fonte: Arquivo da Diocese de Itapipoca.

Dom Paulo Ponte fez seus estudos iniciais no Colégio Marista, em Fortaleza (1937-1944). Realizou seus estudos de nível médio no Seminário Menor de Fortaleza (1945-1947). cursou Filosofia no Seminário Maior de Fortaleza (1948-1949); estudou Teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma (1950-54) e fez doutorado em Teologia Dogmática pela Pontifícia Universidade Gregoriana (1957). Paulo Ponte foi ordenado padre no dia 3 de abril de 1954, em Roma. Jovem padre, em Roma, estudou por conta própria a gramática e alguns textos alemães e assim conseguiu se comunicar na língua germânica. Fez estudos no Instituto Católico de Paris e aconselhou os jovens estudantes católicos a se manterem firmes na fé católica. Quando retornou ao Brasil, passou a servir como vigário paroquial (1957), em Itapipoca/CE. Entre suas diversas funções de magistério, citam-se as de professor e diretor espiritual do Seminário Maior de Fortaleza (1964-1966) e professor e diretor do Instituto de Ciências Religiosas na mesma capital. No dia 25 de junho de 1971, aos 40 anos, foi nomeado primeiro bispo de Itapipoca pelo Papa Paulo VI. Recebeu a ordenação episcopal no dia 21 de novembro de 1971, em Itapipoca, pelas mãos de Dom José de Medeiros Delgado (sagrante principal), D. Miguel Fenelon Câmara Filho e D. Manuel Edmilson da Cruz. Permaneceu, em Itapipoca até 20 de março de 1984, quando o Papa São João Paulo II o nomeou arcebispo de São Luís/MA.

Na sua posse, em São Luís, fez um sermão clássico, referindo-se à chegada do apóstolo Paulo a Atenas, comparando com a sua chegada a São Luís, a “Atenas brasilei-

ra” dos intelectuais do século XIX e XX. Estava muito feliz naquela noite. Por questões de saúde e, tendo completado 74 anos, Dom Paulo Ponte aceitou seu destino e pediu renúncia do governo da Arquidiocese. O povo do Maranhão o considera um dos seus e pede que a Divina Providência faça com que o seu corpo permaneça enterrado na Catedral, onde estão os grandes homens da Igreja que desempenharam sua missão de fé, de educação humana, espiritual e intelectual dos cristãos e da sociedade civil em geral. Seu lema: “*Christus heri et hodie*” (Cristo ontem e hoje).

Dom Paulo Eduardo de Andrade Ponte, primeiro bispo da Diocese de Itapipoca/CE, eleito no dia 25 de junho de 1971, por sua Santidade o Papa Paulo VI. Foi anunciado bispo eleito no dia 02 de julho de 1971, sua sagração e posse ocorreram, no dia 21 de novembro de 1971, na cidade de Itapipoca/CE, sede da nova diocese, no dia de Cristo Rei do universo, no patamar da Catedral de Nossa Senhora das Mercês.

Sem dúvidas a maior festa religiosa de todos os tempos, uma celebração muito bem organizada por uma equipe de Fortaleza para dar todo apoio e cobertura ao histórico acontecimento, já visto em nossa terra. Várias autoridades se fizeram presentes, como o representante do Vaticano, o Núncio Apostólico, Dom Humberto Mozzoni, Dom José de Medeiros Delgado (Arcebispo de Fortaleza), os bispos das Dioceses de Sobral, Limoeiro do Norte, Crato, Crateús, Iguatu e muitos outros bispos de outros estados vizinhos, convidados por Dom Paulo. Presença das autoridades constituídas na pessoa do se-

nhor Governador do Estado do Ceará, Coronel César Cals de Oliveira, deputados, secretários de Estado, uma representação de prefeitos, principalmente, dos municípios que passavam a pertencer à nova diocese, vereadores e a presença maciça de familiares e amigos do novo bispo.

O que chamava atenção era a grande massa humana que lotava a Praça Perilo Teixeira, com faixas, bandeiras e palavras de ordem dando boas-vindas e desejando ao novo bispo um episcopado profícuo. Caravanas das paróquias e comunidades lotavam e aplaudiam aquele acontecimento que ficou registrado para sempre.

Depois da celebração e posse, foi oferecido um jantar para os convidados no salão do Clube Imperatriz, organizado por uma equipe do Clube Náutico Atlético Cearense de Fortaleza. Relação dos municípios que ficaram pertencendo à nova diocese: Paracuru (Paróquia Nossa Senhora dos Remédios), São Luiz do Curu (Paróquia São Luiz de Gonzaga), Trairi (Paróquia Nossa Senhora do Livramento), Uruburetama (Paróquia São João Batista), Pentecoste (Paróquia Nossa Senhora da Conceição), Apuiarés (Paróquia São Sebastião), General Sampaio (Paróquia Nossa Senhora do Rosário), Itapajé (Paróquia São Francisco de Assis), Irauçuba (Paróquia São Luiz de Gonzaga), Itarema (Paróquia Nossa Senhora de Fátima) e Itapipoca/Sede (Paróquia Nossa Senhora das Mercês/Catedral Diocesana). Paróquias que não eram sede de município: Assunção (Paróquia Nossa Senhora da Assunção), Amontada (Paróquia Nossa Senhora da Conceição) e Miraíma (Paróquia São Pedro).

A nova Diocese de Itapipoca que se desmembrava das dioceses de Fortaleza e Sobral e era composta por dez municípios, 13 paróquias e contava, apenas, com 11 padres para evangelizar e trabalhar, bastante, na nova Igreja particular.

Nos dois primeiros anos, muitas foram as dificuldades encontradas por Dom Paulo, começando pela própria residência episcopal, que não existia, sendo necessário ao bispo morar com o vigário da paróquia da Catedral, por tempo indeterminado, até que fosse construída sua própria residência. A sede da diocese era considerada uma cidade pequena e atrasada, na época uma cidade rural que não passava de 15 mil habitantes, faltando infraestrutura e outros requisitos, trazendo certos transtornos para um bom funcionamento: estradas, comércio, transportes, saúde e muitas outras coisas que certamente ajudariam na realização de uma boa evangelização que, no meu entendimento, estão estreitamente ligadas.



Praça Teixeira, Itapipoca - Ce. Fonte: Arquivo da Diocese de Itapipoca.

O mais importante, todavia, é que, com a força do Espírito Santo e a sabedoria de Dom Paulo, foi dado início “à montagem do xadrez” para o funcionamento da diocese, mesmo com um número de padres bem reduzido: Monsenhor José Solon Teixeira (Uruburetama), Pe. José Sinval Facundes (Curu), Pe. Luiz Vieira Beviláqua (Paracuru), Pe. Tomás Feliu (Trairi), Padre Antônio Moreira Filho (Assunção), Pe. Raimundo Fonseca Fração (Apuiarés), Pe. Manoel Lima (Itapajé), Pe. Daniel Muniz Matias (Amontada), Pe. Aristides Andrade Sales (Itarema), Pe. Raimundo Nonato Camelo (Itapipoca-Sede) e Pe. Antônio Bezerra de Menezes (cooperador-sede). Esses eram os sacerdotes que constituíam o clero diocesano com os quais o bispo contava.

Algumas mudanças foram feitas a exemplo do vigário da Catedral, nomeado para ser cooperador na paróquia de São João Batista, em Uruburetama, e a transferência do vigário de São Luiz de Gonzaga (São Luiz do Curu) para assumir a Catedral, ficando as duas paróquias sob sua responsabilidade. Nesse período, um filho do distrito de Brotas havia sido ordenado padre na Arquidiocese de Fortaleza; tratava-se do Reverendo Pe. Jorge Teixeira de Vasconcelos, que logo após sua ordenação passou alguns meses como cooperador da então Matriz de Nossa Senhora das Mercês, em Itapipoca, tendo que retornar para Fortaleza. Tratando-se de um filho de Itapipoca, Dom Paulo resolveu procurá-lo e convidá-lo para retornar à sua diocese para ficar em definitivo, na sua terra. Aceitando o convite, Pe. Jorge foi nomeado

vigário da Paróquia de Nossa Senhora da Assunção, na região serrana de Itapipoca.

A paróquia de Trairi tinha como vigário um jesuíta, advindo da Espanha, apresentando um ótimo trabalho naquela região praiana e, por seu intermédio, chegou outro sacerdote jesuíta, também da Espanha, colocando-se à disposição de Dom Paulo. Logo foi nomeado pároco da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição (Amontada), substituindo o ex-vigário Pe. Daniel Muniz que, por motivo pessoal, deixou de exercer seu ministério sacerdotal.

A paróquia de São Luiz Gonzaga, em Irauçuba, ficou sendo assistida pelo vigário de Itapajé, que era o reverendo Pe. Lima. Ainda tinha Pe. Felipe, respondendo pela Paróquia de São Pedro, em Miraíma. Assim as coisas iam caminhando no sentido de melhorar o atendimento ao povo, carente de um bom acompanhamento espiritual.

Entre tantas preocupações da recém - criada diocese, estava o fato de não se contar com uma estrutura física, capaz de atender às necessidades de funcionamento da ação pastora, citando o fato dos primeiros vocacionados não terem um local adequado para sua formação (Seminário), tendo que morar em suas próprias casas e se encontrarem na sacristia da Igreja para reuniões e assistirem aulas.

No entanto, a diocese já podia contar com uma construção muito boa em sua sede, o Colégio Patronato Nossa Senhora das Mercês, com um bom número de alunos, considerado por muitos como um colégio modelo

devido a boa qualidade de ensino, ótimos professores e uma excelente formação religiosa. O patronato era administrado pelas irmãs de Nossa Senhora do Amparo que, há tempos, tinha uma casa de formação, em Itapipoca, e que, além do colégio, tinham um trabalho muito bom na pastoral e formação de novas religiosas. Na chegada de Dom Paulo, a superiora Irmã Hosana, era uma religiosa muito dinâmica com uma capacidade especial para trabalhar com crianças, adultos e pessoas da terceira idade, colaborando, de maneira excepcional, com a nossa diocese nas pastorais. É claro que ela contava com uma equipe composta por outras religiosas, leigos e leigas que juntos faziam um bem enorme, nos primeiros anos de diocese.



Patronato Nossa Senhora das Mercês. Fonte: Assembleia Legislativa do Ceará.

Acredito que para cada pessoa Deus reserva um destino. Lamentavelmente, Irmã Hosana foi atacada por

um cão raivoso e mesmo fazendo um tratamento adequado, passou por várias complicações, ocorrendo o seu falecimento, deixando um vazio muito grande para toda população de Itapipoca, principalmente para as pessoas que conviviam com ela no dia a dia. Pouco tempo depois de sua morte, a casa das irmãs de Nossa Senhora do Amparo, em Itapipoca, encerrou suas atividades. O fechamento da casa foi um acontecimento muito ruim na vida da nova diocese, uma vez que havia uma história de grande relevância na vida religiosa e educacional da cidade. Muitas vocações religiosas surgiram do trabalho da Congregação. Uma legião de pessoas foi formada por uma educação de qualidade no Colégio Patronato, lembrada até hoje por quem passou por esse renomado estabelecimento educacional, sem contar com várias outras contribuições das religiosas e seus frutos, benesses que, certamente, contaram com a intercessão junto de Deus da amada Irmã Hosana.

Com o fechamento da casa das Irmãs toda estrutura do imóvel ficou disponível à venda. Uma área muito grande onde havia capela com acesso ao público, dormitórios, refeitório, salas, cozinha grande, uma capela interna, e muito terreno em torno do imóvel. Sempre que Dom Paulo viajava tinha sempre a preocupação de angariar, junto às instituições financeiras religiosas, recursos para resolver – de uma vez por todas – os problemas de instalação da Cúria Diocesana. Graças a Deus, e aos esforços de Dom Paulo, à ajuda da Igreja da Alemanha e a generosidade de várias pessoas, a diocese conseguiu

comprar toda área construída que já existia e, com algumas reformas a construção de mais salas para reuniões, adaptações em outras, começaram a funcionar os setores diocesanos: secretaria, Caritas Diocesana, Pastoral da Juventude, uma capela, três salas que foram construídas para funcionar o Movimento de Educação de Base-MEB. Em uma área que fazia parte das instalações do Patronato. foi construído um novo prédio para o funcionamento da Escola e a antiga estrutura foi transformada por Dom Paulo, no Seminário João Paulo II.

Em seguida, o Seminário foi transferido para uma região muito pobre e por isso, era também, uma preocupação do bispo e de sua equipe trabalhar para conseguir um patrimônio, a fim de não depender, apenas, das esmolas e ajudas internas conseguidas junto às instituições financeiras religiosas. Desse modo, com a ajuda de pessoas de boa vontade, a diocese conseguiu comprar alguns imóveis e receber doação para serem alugados, no sentido de facilitar, pelo menos, o pagamento da folha de funcionários. Vale ressaltar que nesse tempo os cristãos católicos ainda não tinham a conscientização da devolução do dízimo, conforme nos dias atuais, tornando-se muito complicado se manter uma paróquia e, mais ainda, uma diocese. Outras pessoas de bem quiseram colaborar com a nossa diocese e melhorar o patrimônio fazendo doações de imóveis e terrenos para serem construídas novas igrejas, salões comunitários, usados para catequese, reuniões de círculos bíblicos e outras ações.

Foram comprados, também, dois veículos tipo “rural” tracionados nas quatro rodas com ajuda da Igreja da Alemanha, para melhorar o acesso do bispo às paróquias, as quais só tinham possibilidade de acessadas por veículos com tais características. Para se ter uma noção clara das dificuldades de acesso das 13 paróquias, no período chuvoso, duas delas ficavam completamente isoladas, incluindo a paróquia da Assunção que ficava, totalmente, intransitável não apenas no inverno, mas também, no verão. Muitas vezes o bispo fazia o papel de vigário para atender seus diocesanos que, com razão, cobravam muito a presença do seu pastor diocesano nas comunidades. Dom Paulo teve grande ajuda externa que contribuiu para construção de capelas, salões comunitários, casa paroquial, compra de carros para as paróquias que não tinham a menor condição de obter os veículos. Inúmeras vezes o padre precisava se deslocar longas distâncias a cavalo, para atender o povo de Deus, principalmente, nas regiões da serra e da praia, onde era mais complicado, haja vista as péssimas estradas, muitas forradas com bagaço de coco para os carros, mesmo com tração, não atolarem. Na serra, praticamente, não havia estradas para o interior da paróquia, ficando reduzido apenas à sede.

Esse é um relato resumido da nossa diocese em seus primeiros anos. É evidente que ia melhorando à medida que o tempo se passava. O bispo contava com uma boa equipe que colaborava nos trabalhos diários. Tinha como secretária pessoal a professora Maria Vilany Montenegro que colaborava, de maneira extraor-

dinária nas tarefas diocesanas. Logo, Vilany assumiu a coordenação do MEB, trabalhando de modo mais efetivo nas viagens com toda a equipe para as Comunidades de Base, como eram chamadas.

Em seguida veio a Congregação das Irmãs Josefinas que se instalou na residência episcopal, já construída em endereço próprio, saindo da casa paroquial da Catedral. A casa era coordenada pela irmã Lúcia de Araújo, auxiliada pelas colegas de congregação a irmã Laura e e a irmã Lurdinha. Essa casa foi aberta com o objetivo de ser uma casa de formação religiosa, onde muitas jovens passaram por essa experiência. Algumas não continuavam por não terem vocação e outras fizeram votos, umas na sede e muitas vinham de outras paróquias.

Com a vinda das religiosas, Dom Paulo pode contar, também, com elas na administração do Patronato que tinha ótima aceitação pela sociedade itapipoquense, pois se tratava de uma escola de referência religiosa, com uma formação diferenciada em preparar os jovens não só para estudar o conteúdo curricular, mas prepará-los para a vida. Possuía uma excelente equipe de professores que contribuiu, bastante, com a educação do nosso município deixando uma marca positiva e mantendo a tradição que ganhara, sob a responsabilidade das Irmãs do Amparo.

Um dos grandes desafios de Dom Paulo era a falta de padres em sua diocese e, logo que tomou posse, sua preocupação foi formar um grupo de vocacionados com o objetivo de despertarem para a vida religiosa, tornando-se padres. Na ausência de uma estrutura física (semi-

nário), esses jovens ficavam morando em suas próprias residências e participavam, quando convocados, das reuniões e dos movimentos pastorais da diocese com o objetivo de se engajarem no seminário e se ordenarem padres. O bispo contava com uma turma muito boa e, aqui, ressalto alguns deles que se firmaram nos estudos: José Wilson Freitas César (Pe. Wilson), Francisco Davino de Sousa (músico), Francisco Marques Mota (Pe. Marques), Ribamar Mota Ramos (Pe. Ribamar), Francisco Ataíde (Pe. Ataíde), Raimundo Juvemar Rogério Matos (Pe. Juvemar), Missias Santana Fernandes (Pe. Missias) e Raimundo Rodrigues (o Mundinho). Esses seminaristas foram os pioneiros no novo Seminário Menor João Paulo II, grande esperança de Dom Paulo Ponte. Semente plantada que alimentava um futuro melhor, dando um bom atendimento às comunidades que se organizavam, despertavam e começavam a construir novas capelas, sendo natural o desejo de novos padres.

Dom Paulo foi procurado por três jovens que já se preparavam para serem padres: um filho natural de Tururu, o seminarista Antônio Simplício (Pe. Simplício) e o seminarista Francisco das Chagas Ponte (Pe. Ponte), filho de Santana do Acaraú, Diocese de Sobral. O outro era espanhol que veio por intermédio do então vigário da Paróquia de Trairi, Pe. Tomás que foi o jovem Pascoal, frade jesuíta, mas que desejava ser padre diocesano.

Estava tudo bem encaminhado, a diocese crescia e se organizava, já contava com muitas pastorais como as Comunidades Eclesiais de Base-CEBS, Pastoral da Ju-

ventude, Pastoral da Terra, Círculos Bíblicos e muitas outras. Nesse tempo nasceu um movimento que ficou conhecido no Brasil como Teologia da Libertação-TL e defendia a opção preferencial pelos mais pobres, com direito à terra, à água, à saúde de qualidade, enfim, uma vida digna, já assegurados pela Constituição, no entanto, não efetivado.

A luta pela terra trouxe muitos conflitos no campo com perdas de trabalhadores rurais, pais de famílias perdiam a vida em conflitos a mando de latifundiários que não abriam mão de suas terras. Na Diocese de Itapipoca não foi diferente. Dom Paulo Ponte, que chegou a ser o representante dessa pastoral na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil-CNBB, sofreu muitas perseguições e ameaças de donos de terras na nossa diocese. Tudo isso foi um período que quero deixar registrado, por ter testemunhado e por ter convivido e acompanhado de perto como motorista do bispo. Por ter sido testemunha, muitas vezes, fui ameaçado e chamado atenção por pessoas que eu conhecia e que se passavam por minhas amigas.

Graças a Deus a caminhada continuou. Era uma luta dos trabalhadores que buscavam vida digna e a Igreja não poderia ficar de fora se sua doutrina dar preferência aos mais necessitados. Com a ordenação dos primeiros padres, a diocese foi tomando novo rumo. Conforme falei, anteriormente, dos três jovens que já estudavam pra ser padres, fizeram opção pela Diocese de Itapipoca e logo foram ordenados. O primeiro padre ordenado por Dom Paulo foi Pascoal Belmont Tari, es-

panhol. Depois, Francisco das Chagas Ponte (Pe. Ponte), filho de Santana do Acaraú, Diocese de Sobral que, ao ser ordenado, foi nomeado pároco da Paróquia de São Luiz de Gonzaga (Irauçuba); o outro, o jovem Antônio Simplício de Andrade (Pe. Simplício), filho da nossa Diocese de Itapipoca que já estudava fora e passou a vigário de São Luiz do Curu, com o falecimento do então vigário Pe. Sinval Facundes, que respondia também, pela Paróquia da Catedral. O bispo, então, decidiu nomear um filho de Itapipoca para a Catedral, o Pe. Luiz Gonzaga Xavier que esteve por pouco tempo à frente da paróquia, saindo para estudar em Roma.

Os problemas da falta de padres continuavam, e Dom Paulo, na tentativa de conseguir um novo padre para a Catedral, foi conversar com um sacerdote que era filho da cidade de Marco e trabalhava em Baturité, Arquidiocese de Fortaleza. Esse padre tinha assumido a capelania da Marinha: Pascoal Rios Osterne; numa situação muito boa, pouco trabalho, ganhando bem e com as mordomias que não tinha se assumisse paróquias, principalmente no interior. Ele aceitou, teve uma sensibilidade muito grande, um gesto louvável e, logo, foi empossado vigário da Catedral. Depois de alguns anos Pe.Lima, que era vigário de São Francisco de Assis (Itapajé), faleceu, deixando uma das maiores paróquias vacantes; mais uma dor de cabeça para o bispo.

Com os primeiros seminaristas terminando os estudos filosóficos estava se ordenando diácono José Wilson Freitas César, filho de Uruburetama, e que tinha

terminado seus estudos em São Paulo. Logo foi nomeado para a Catedral, sendo acompanhado pelo próprio bispo, por não ter se ordenado padre. Em 1982, Pe. Pascoal, que estava como vigário da Catedral foi transferido para a Paróquia de São Francisco de Assis (Itapajé). Em seguida, ordenou-se o diácono Wilson e assumiu, em definitivo, a Paróquia da Catedral.

Com o passar do tempo foram chegando mais padres: Pe. Felipe, Pe Luiz Márcio, Pe. Estevam Rudinik, natural da Polônia, que deu, também, uma grande contribuição às paróquias da Assunção e Pentecoste, também ao estudo religioso em toda diocese. Então, as coisas foram melhorando, diminuindo, significativamente, os problemas do início da diocese.

Foi de suma importância a ajuda desses padres que eram jesuítas, de maneira particular Pe. Tomás, que deixou um grande legado em Trairi, não só no trabalho de evangelização, mas também, na educação e saúde, como a implantação de um hospital e um colégio, o Pio Rodrigues, que preparou muitos jovens para o trabalho profissional e formando muitos outros em Fortaleza. Ele tinha uma oficina que preparava os garotos para uma profissão, ali mesmo em Trairi. Ajudou muito a Dom Paulo na aquisição de um imóvel na praia do Mundaú, onde hoje é a casa de retiros Nossa Senhora Estrela do Mar. Esses feitos merecem ser registrados para provar o grande trabalho que tem a Igreja católica em todas as áreas, não só na evangelização mas também, na área social, que ocupava grande preocupação por parte de Dom Paulo, uma vez que o governo,

naquela época pouco fazia pela população, mais pobre, e a Igreja era muito procurada pelas pessoas mais carentes que se achavam descobertas e sem proteção dos governantes. Para se ter uma ideia clara de tais dificuldades, quando Dom Paulo assumiu a diocese, encontrou, em Itapipoca, apenas, um pequeno hospital que era mantido por uma entidade chamada Associação Promocional de Itapipoca-API, criada antes da fundação da diocese por um querido sacerdote, lembrado até os dias atuais por seus grandes feitos em favor da população itapipoquense, Pe. Abelardo Ferreira Lima, grande benfeitor da nossa cidade.

Considerando tal realidade, brotou no coração de Dom Paulo Ponte o desejo de construir um Hospital Maternidade que tivesse melhores condições de atender a população, além das que já apresentava o Hospital São Vicente de Paulo, mantido pela API que, na verdade, não oferecia condições físicas e técnicas para atender, de maneira digna e satisfatória, até mesmo as senhoras que procuravam dar à luz a seus filhos, muitas vezes ocorrendo morte de mulheres em trabalho de parto.

Essa era a realidade, na época, em que Itapipoca era um município pobre sem ter os cuidados dos governos estadual e municipal, sendo necessário que a Igreja tomasse iniciativas para assumir o papel do Estado, segundo a Constituição Brasileira. Nesse sentido, Dom Paulo teve a coragem de enfrentar tal desafio e procurar, junto às autoridades internacionais, recursos para ser construído um hospital maternidade, um sonho de todos os moradores do município.

No bairro Fazendinha, havia um imóvel com bastante terreno e boa estrutura. Iniciou-se, então, a reforma para uma casa de formação religiosa da Congregação das Irmãs Franciscanas Bernardinas, que, além de trabalhar com ações pastorais, também, atuavam na área da saúde.



Dom Paulo Ponte em visita as irmãs Franciscanas Bernardinas, Itapipoca-Ce. Fonte: Arquivo Pessoal.

Contando com várias religiosas formadas em enfermagem e que já trabalhavam no antigo Hospital São Vicente de Paulo, em Itapipoca, procedentes de Fortaleza por intermédio de Dom Paulo, teve início a construção do novo hospital, com melhores condições técnicas, um número bem maior de leitos, enfermarias, centro cirúrgico, salas pós-parto, consultórios, lavanderia, refeitório, cozinha, sala dos médicos, enfim, um hospital

muito bom para aquela época. É sempre bom lembrar que tudo isso com recursos adquiridos por Dom Paulo Ponte, nas instituições financeiras religiosas que sempre ajudaram as dioceses pobres do Brasil, principalmente, a Igreja na Alemanha.

Depois do hospital construído, veio o maior problema: quem iria cuidar e manter, financeiramente, toda essa estrutura hospitalar? O Estado pouco fazia pela saúde e os municípios, também, não tinham condições financeiras, já que Itapipoca era considerada um polo que concentrava praticamente toda a região do Vale do Curu. A diocese, todavia, ainda esteve à frente tendo sido seu diretor o nosso amigo Professor Valmir que ficou administrando com muitas dificuldades, contando sempre, com a ajuda de alguns prefeitos da região e do bispo que não media esforços para manter aquele hospital. Contudo, essa situação durou pouco tempo, logo evidenciando-se que, em Itapipoca, nenhuma entidade queria assumir o hospital, surgiu a ideia, por parte de Dom Paulo Ponte, que a administração do hospital fosse entregue aos padres Camilianos, uma congregação religiosa de São Paulo que administra e cuida de hospitais em vários estados, inclusive, mantendo algumas unidades no Ceará. Assim foi o início de um tempo em que a Igreja Católica fazia o papel do Estado, assumindo, em boa parte, a saúde espiritual e física das pessoas que não tinham cobertura dos governantes, tanto na saúde quanto na educação. Por uma questão de justiça, mostro essa realidade, para os mais jovens que não viveram

esse tempo de dificuldades da nossa história, em que a Igreja procurava, de uma forma ou de outra, ajudar nas questões sociais do nosso povo.

Tudo estava caminhando às mil maravilhas: um grupo de seminaristas estudando em Fortaleza – uns Filosofia e outros Teologia – as pastorais envolvidas, muitas capelas sendo construídas, um grupo de seminaristas menores preparando-se para o Seminário Maior e uma equipe que trabalhava no Movimento de Educação de Base - MEB.

Movimento de Educação de Base - MEB

Tratei sobre esse momento da história da diocese em um espaço específico e especial. Outro movimento de expressão bastante positiva na Igreja do Brasil e na nossa diocese foi o Movimento de Educação de Base - MEB, que surgiu na Diocese de Itapipoca por intermédio de Dom Paulo Ponte, em 1973 e era voltado para o trabalho de formação de lideranças e assessoria às organizações populares. Em nível nacional, foi criado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil-CNBB, com o objetivo de contribuir nas mudanças, no campo sócio-econômico-político, a partir de um processo educativo junto às comunidades nas regiões Norte e Nordeste. Vale ressaltar que o MEB seguia uma orientação própria no trabalho com grupos de trabalhadores rurais. Seu funcionamento se dava com uma equipe central e mais os departamentos de base nas dioceses, e no Ceará

existiam nove departamentos: em Crateús, Crato, Fortaleza, Iguatu, Itapipoca, Limoeiro do Norte, Quixadá, Sobral e Tianguá.

Na Diocese de Itapipoca funcionavam duas atividades educativas: assessoria aos movimentos Popular Sindical e Alfabetização de Jovens e Adultos. A equipe atuava, tanto em relação aos aspectos educativos quanto aos organizacionais, sua ação abrangia os papéis de animação, apoio, acompanhamento e assessoria. O MEB era composto pelos membros: Everardo Nunes Sobreira, Francisco Davino de Sousa, João de Sousa Teixeira, José Evando de Sousa (autor), Maria Dalva Pacheco Teixeira, Maria Nair Soares, Maria Nazaré Martins, Maria Vilany Montenegro e Maria Wilanir Arnoud.

Entre 1990 e 1994, realizaram-se 763 atividades (cursos, seminários, reuniões etc.), atingindo 7.986 pessoas. O Departamento da Diocese de Itapipoca era composto por oito pessoas: José Evando de Sousa, Professor Francisco Davino de Sousa, Professor João de Sousa Teixeira, Professor Valdenir Linhares, Professora Maria Nair Soares, Professora Dalva Pacheco Teixeira, Professora Maria Nazaré Martins e Professora Maria Vilany Montenegro. Vale ressaltar que tinham passado pelo MEB outros membros: Francisco Everardo Sobreira, Luiz Gonzaga Muniz, José Ivo Magalhães e Henrique.



Equipe do MEB - Movimento de Educação de Base. Fonte: Arquivo Pessoal.

Essa equipe teve um trabalho muito importante nas comunidades, uma vez que trabalhava com escolas, no sentido de conduzir o trabalhador do campo a ser alfabetizado, e, sobretudo, a conviver na sua própria localidade. Era uma escola que tinha convênio com o Governo Federal por meio através do Ministério da Educação e Cultura -MEC, lembrando que àquela época a Igreja fazia o que os governos deveriam fazer.

Esse trabalho foi implantado em muitas paróquias como Pentecoste, Apuiarés, Assunção, General Sampaio, Paracuru, Uruburetama e sede. O MEB foi, sem dúvida, um movimento que deu uma “sacudida na educação de adultos” em nossa diocese porque tinha por meta alfabetizá-los e prepará-los para a vida em sua

totalidade, também conviver, em harmonia, uns com os outros, trabalhando em regime de mutirão na preparação das lavouras. Era uma beleza, quando se juntavam 20 a 30 homens trabalhando no roçado do seu vizinho – não se via isso anteriormente – e assim viviam como os primeiros cristãos, tendo tudo em comum.

Tendo feito parte dessa equipe sinto saudade e só, hoje, vejo como foi bom estar ciente que foi plantada, nas comunidades, essa “semente”; ali aconteciam os círculos bíblicos, trabalho em mutirão e a celebração da Palavra, aos domingos, com envolvimento de jovens, crianças e adultos, que contribuía com suas experiências de vida.

Mais sobre a vida da nova diocese

Outra pastoral que movimentou muito a nossa diocese foi, sem dúvida, a Pastoral da Juventude, cuja coordenadora era nossa amiga Irmã Leonor, que desenvolveu um trabalho extraordinário, dando uma vida nova à diocese. A Diocese de Itapipoca adquiriu o antigo Cine Itapipoca que pertencia ao senhor Manoel Alves de Freitas, o popular Cafita, onde em seguida, com pequenas reformas, funcionou a Pastoral da Juventude, com uma estrutura maravilhosa com salas, quadra, cozinha e banheiros feminino e masculino, dando, assim, um conforto e espaço para os movimentos, reuniões, cursos, palestras e etc.

Vale ressaltar também a compra de um carro Toyota que ficava à disposição da coordenação, para as viagens que se faziam necessárias para os encontros de

jovens, que aconteciam em outras dioceses e até mesmo em outros estados. Esse movimento conhecido como Pastoral da Juventude daquela época, deixou marcas profundas e positivas até os dias de hoje.

Retornando um pouco para o tempo do Monseñor Abelardo, que era vigário da Paróquia e com o projeto de Itapipoca vir a ser sede da diocese, logo teve uma preocupação desse saudoso sacerdote em adquirir patrimônio para que a futura diocese tivesse condições de funcionamento. Com essa preocupação, as instalações do Patronato já pertenciam à Paróquia e, logo após a saída das irmãs, tais instalações retornaram para a administração paroquial, também, uma Igreja que dava acesso externo para o público e uma ala reservada às postulantes, já que funcionava como casa de formação.

Com esse acontecimento Dom Paulo – que estava tendo dificuldade com a estrutura física, onde deveria funcionar a Cúria Diocesana, ou seja, salas para os setores diocesanos, como secretaria do bispo, salas para reuniões, Caritas Diocesana, Pastoral da Juventude, Setor de Economia, Pastoral da Terra e outras pastorais que já existiam sem espaço, via-se com outras preocupações. Tinha-se o fato do Colégio Patronato necessitar de um novo prédio para funcionar.

Havia, em torno do imóvel, um terreno situado na Avenida Duque de Caxias do qual se dizia proprietário o senhor Antônio Perilo Teixeira que foi procurado pelo bispo. Perilo Teixeira, no intuito de contribuir com o prelado, disponibilizou em concessão de 20 anos à dio-

cese, onde deveria ser construída a residência episcopal e o prédio que seria para funcionar o Colégio Patronato Nossa Senhora das Mercês. Faltavam, apenas, os recursos para dar início aos trabalhos de reforma. Nesse período, o Brasil era bem atrasado em relação aos dias de hoje, principalmente, os estados do Nordeste. A Igreja, de modo geral, era uma instituição de maior credibilidade por seu trabalho, sua organização, tanto na evangelização quanto no seu trabalho social, fazendo, muitas vezes, o papel do Estado. Por esse motivo o bispo recorria às instituições religiosas (principalmente as da Igreja da Alemanha), e graças a seu esforço e as ajudas da ACÃO ADVENIAT, em 1974, o prédio da residência episcopal foi reformado., contando com a ajuda da Arquidiocese de Colônia/Alemanha (1977-1978). Estava pronta a residência episcopal e o Colégio Patronato para dar uma melhor condição de funcionamento nas antigas instalações do Colégio, que passava a ser, de fato, a Cúria Diocesana, ou seja, os setores que formam a estrutura administrativa da diocese.

A residência episcopal foi construída com dois objetivos: ser a residência do bispo e uma casa que acolhesse a Congregação das Irmãs Josefinas (que iria funcionar como casa de formação), ao mesmo tempo em que elas administrariam, também, a Escola Nossa Senhora das Mercês. Elas já moravam em Itapipoca e tinham na função de secretária de Dom Paulo, a Irmã Lúcia de Araújo, que veio para Itapipoca acompanhada das Irmãs Laura e Lurdinha. Com a mudança para a nova casa, chegaram mais freiras e começou a funcionar a formação de jovens

aspirantes que desejavam abraçar a vida religiosa. Foi uma experiência que teve muitos frutos e muitas foram as jovens que fizeram votos, umas da própria sede e muitas de outras paróquias da nossa diocese.



CETREDI - Centro de Treinamento Diocesano de Itapipoca - Ce. Fonte: Arquivo Pessoal.

Em um dos pavilhões, onde funcionavam as salas de aulas, Dom Paulo transformou no Seminário Menor João Paulo II, pois o grupo de vocacionados vivia em suas casas e passaram a ter de fato, o seu espaço com dormitórios, banheiros, cozinha, sala de estudo e sala de jogos e uma pequena biblioteca. Assim, aos poucos, ia ficando tudo dentro do que Dom Paulo planejou; seu maior sonho era manter aquele grupo firme nos estudos para que, no futuro, a diocese pudesse contar com um bom grupo de novos padres, um dos maiores problemas da diocese.

Esses jovens estudavam no Patronato e eram acompanhados pelo próprio bispo. Era um bom grupo, vindo das paróquias de Irauçuba, Santana do Acaraú (Diocese de Sobral), Pentecoste e da sede de Itapipoca, sendo uma semente plantada que alimentava uma grande esperança. Infelizmente, Dom Paulo Ponte foi transferido para São Luiz do Maranhão e não teve o prazer de ordenar aqueles jovens que seriam, posteriormente, em sua grande maioria, ordenados pelas mãos de Dom Benedito Francisco de Albuquerque, segundo bispo da Diocese de Itapipoca.

Nos doze anos e seis meses em que Dom Paulo ficou na Diocese de Itapipoca, ele ordenou cinco padres. Pe. Pascoal Belmont, Pe. Francisco das Chagas Pontes, Pe. Carlos Alberto Siqueira, Pe. Antônio Simplício, Pe. Fernando Ponte e Pe. José Wilson Freitas César.

Com esses padres recém-ordenados, as paróquias começaram a ser contempladas com seus próprios vigários (párocos): Assunção recebeu Pe. Carlos Alberto Siqueira (Pe. Beto). Numa urgente necessidade pastoral, Dom Paulo criou a Paróquia de Santa Rita de Cássia, em Paraipaba, nomeando Pe. Pascoal Belmonte como Pároco. Esse sacerdote era um jovem que veio da Espanha, por intermédio do Pe. Tomás (vigário em Trairi). Paraipaba se desmembrava das paróquias de Paracuru, São Luiz do Curu e Trairi. Era uma cidade que crescia, graças a um projeto do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas-DNOCS e sua população aumentava por força das famílias que vinham de outras localidades e municípios, para se instalarem naquele projeto de irrigação que, na época, era a redenção para muitas

famílias, atingidas pela crise hídrica e sem condições para sustentar suas famílias. Com esse projeto de irrigação que cultivava a cana-de-açúcar, a laranja e o coco, chegava também uma usina de açúcar, na região, fazendo com que o número de empregos aumentasse, tornando-se uma região beneficiada. Frente a esse melhoramento, muitas famílias de localidades diferentes chegavam à Paraipaba, fazendo com que Dom Paulo despertasse a necessidade de torná-la paróquia, fazendo com que fosse criada a primeira paróquia no seu episcopado.

Enquanto estive à frente da Arquidiocese de São Luiz/MA, Dom Paulo Ponte, sempre, que podia encontrar um tempinho para visitar sua ex-diocese. O fato de ter trabalhado na Paróquia de Nossa Senhora das Mercês, nos seus primeiros anos de ordenação sacerdotal, sendo cooperador do Pe. Abelardo Ferreira Lima (1958) e, depois de muitos anos, com a criação da diocese, tendo se tornado seu primeiro bispo, ficou fácil entender o porquê de ele amar tanto Itapipoca. Quando vinha nos visitar, para a minha alegria, eu ficava à sua disposição para mostrar Itapipoca depois de alguns anos de sua saída. Dom Paulo ficava muito admirado com tantas mudanças, boas estradas, um comércio bem desenvolvido, uma população que tinha triplicado, uma cidade com grandes lojas e uma estrutura bancária muito boa. Ficou impressionado de quanto o Estado do Ceará tinha se desenvolvido, de um modo especial, nossa cidade de Itapipoca.

Foram muitas as viagens que fizemos em suas visitas ao logo de 20 anos como Arcebispo de São Luiz. Vi-

sitamos muitas paróquias, onde uma delas ficou marcada na minha vida: Paróquia de São Pedro, em Tejuçuoca. Nessa visita andava conosco o então bispo diocesano de Itapipoca, Dom Benedito, e ficamos hospedados no distrito de Retiro, no Hotel Fazenda, pertencente a João Mota, que era prefeito na época. De lá fomos visitar o vigário Pe. Ribamar Mota Ramos e saímos para conhecer um ponto turístico conhecido como “Cabeça do Índio”, que fica um pouco distante da cidade. Havia uma trilha que era uma subida, relativamente, alta e lembro que Dom Benedito, ainda bastante debilitado de uma pneumonia que o acometeu, tinha muita dificuldade para caminhar. Dom Paulo, também, já se encontrava bastante doente de fibrose pulmonar, doença que lhe tirou a vida em 2009. Conversamos muito, principalmente, quando Dom Benedito se atrasava ao longo daquela trilha. Ele me falava da intenção que tinha de renunciar ao episcopado para cuidar de sua saúde. Naquela conversa eu perguntava se ele já sabia onde ia ficar depois que deixasse a Arquidiocese. Respondeu-me que sonhava em voltar para Itapipoca e morar no Tururu. Foi uma viagem inesquecível, e na volta passamos em uma fazenda (Fazenda Cacimbinha) que tinha sido de seu pai, Frederico Ferreira da Ponte, onde ele passava férias, na sua infância e no tempo em que já estudava no Seminário. Foram muitas recordações, lembranças e muitas histórias da sua juventude.

Falamos muito do tempo que passa rápido, que a vida não teria sentido se não tivesse uma ressurreição.

Isso ficou gravado em minha vida! Depois, refletindo sozinho, cheguei à conclusão de que toda aquela nossa conversa era, na verdade, uma despedida velada. À noite ele celebrou na paróquia de Jesus Cristo Redentor, no bairro do Violete, em Itapipoca. Na sua homilia ele citou meu nome e tocou no assunto, que tinha conversado durante a viagem a respeito da vida, da passagem que temos aqui na terra. Isso para mim vai ser uma grande recordação daquele dia que passamos juntos, aquele que foi o primeiro bispo da nossa diocese, o nosso pastor, meu diretor espiritual, meu segundo pai e, sem dúvida, meu grande amigo.

Outra viagem que fiz que, ainda, guardo grandes recordações, foi quando levei a nossa amiga Irmã Lúcia, que tinha sido secretária de Dom Paulo, em Itapipoca. Depois de muito tempo na Congregação das Irmãs Josefinas, ela resolveu fazer uma nova experiência na Paróquia do Rosário, cidade pertinho de São Luiz/MA. Eu tinha comunicado a Dom Paulo da viagem e ele, prontamente, reservou minha hospedagem em sua residência. Fui surpreendido, pois ele tinha saído para uma visita em uma paróquia e deixou à minha disposição um padre que já havia conhecido em uma visita anterior na nossa diocese, o reverendo Pe. Braule, que ficou encarregado de mostrar para mim toda São Luiz/MA. Foi uma benção!

No dia seguinte, almocei com Dom Paulo e viajei de volta para Itapipoca. Outra surpresa para mim foi o telefonema que ele fez para o Arcebispo de Teresina/PI, Dom Miguel Câmara, para que me acolhesse em sua residência episcopal. O Arcebispo não estava em casa quando che-

guei, mas já estava preparada a minha hospedagem. Foi, sem dúvida, uma honra que tive em ficar hospedado no palácio Episcopal do Arcebispo de Teresina/PI, graças à generosidade de Dom Paulo Ponte, que sempre teve comigo uma atenção e um carinho muito especial. São coisas que o dinheiro não paga. Terei minha eterna gratidão ao senhor bispo Dom Paulo Ponte com quem tive o prazer de conviver, em seu episcopado na Diocese de Itapipoca.

Foi uma convivência de irmão, pai e amigo que ficarão na minha memória, todas as coisas boas que passei e aprendi com ele. Era uma pessoa extraordinária, um grande ser humano que não media esforços para estar sempre ao lado dos mais pobres, dos mais necessitados, levando sempre uma palavra de conforto, coragem e um exemplo de fé. Era um homem culto, porém, muito simples.

Igualmente, quero deixar registrado um pouco da vida de um padre que trabalhou muito tempo em Itapipoca, antes de ser criada a diocese, ainda no tempo em que era só paróquia e tinha como pároco o saudoso Pe. Abelardo Ferreira Lima, que trouxe para ser seu cooperador Pe. Antônio Bezerra de Menezes, um grande ser humano com quem tive o prazer de conviver, depois de ser criada a diocese. Ele tinha voltado a Fortaleza e depois da criação da diocese, a convite de Dom Paulo Ponte, voltou definitivamente a Itapipoca e aqui viveu até seu último dia de vida, já no episcopado de Dom Benedito.

Padre Bezerrinha, como era popularmente conhecido, se tornou uma figura querida por todos, principalmente, pelas crianças, que aprenderam a amá-lo. Era

responsável pela missa das crianças, celebrada todos os domingos às 16:00h, quando era apenas a Matriz de Nossa Senhora das Mercês. Ele amava as crianças e gostava muito de fazer perguntas no sentido de embarçar os meninos e, ao mesmo tempo, se divertir. Gostava muito de ficar sentado na calçada da igreja, conversando com amigos e contando piadas – isso ele fazia diariamente – e tornou-se uma figura muito querida em toda Itapipoca. Com sua agenda de bolso, era muito comum as pessoas procurarem missas particulares e de sétimo dia. Muito aconteceu de serem marcadas duas missas para o mesmo horário e ele, muito prático, pedia aos fiéis da primeira missa que comungassem na segunda missa, isso era muito engraçado, pois fazia com que aquelas pessoas ficassem obrigadas a assistir as duas missas.



Dom Benedito Francisco de Albuquerque e Padre Bezerrinha. Fonte: Arquivo Pessoal.

Gostava muito de rádio e se fazia até de repórter. Inúmeras vezes o acompanhei nas feiras, vendo-o fazer entrevistas aos feirantes e, com perguntas muito engraçadas, rendiam no dia seguinte muitas gargalhadas. Naquele tempo, não existia emissoras de rádio, em Itapipoca, o Pe. Bezerra sempre teve seu radinho de pilha. O sinal era muito fraco, então ele colocava seu radinho próximo do poste, na esperança de receber um sinal melhor. E dava certo, fazendo com que seu radinho pegasse bem melhor. Também, gostava de andar pela feira e não faltava no bolso da batina mamão, banana, pipocas e até dinheiro. Ele misturava tudo. Era uma figura santa, mas também muito engraçada.

Para sua época era um padre “muito moderno” e não se deixava levar pelo que algumas pessoas achavam dele. Vez por outra, chegavam em Itapipoca alguns circos e lá estava o Pe. Bezerra todas as noites divertindo-se com as brincadeiras dos palhaços. Era um sacerdote muito humilde e querido por todos. Lembro-me de que era muito comum na Igreja padres receberem títulos como Monsenhor e Cônego. Na Diocese de Itapipoca, foi acordado entre o bispo e os padres que eles não receberiam tais títulos. Alguns anos depois, foi oferecido ao Pe. Bezerra esse reconhecimento, mas ele rejeitou. Segundo ele: “já que tinha sido acordado que nenhum dos padres receberia esse título, não seria justo que só eu o recebesse!”. Grande humildade!

Era filho de Redenção/CE, trabalhou muito tempo em Aquiraz - Arquidiocese de Fortaleza. Ficou muitos

anos na nossa diocese, onde esteve até os últimos dias da sua vida. Seu sepultamento aconteceu em sua terra natal.

Com muito apreço e saudosa memória, recordo, também, outros padres que contribuíram com a nossa diocese e que não se encontram mais em nosso meio. Tive o prazer de conviver com todos eles: Monsenhor José Solom Teixeira (Uruburetama), Pe. Felipe (vigário geral da diocese), Pe. Sinval Facundes (São Luiz do Curu e vigário da Catedral), Pe. Tomás (Trairi), Pe. Luiz Gonzaga Xavier (segundo vigário da Catedral), Pe. Aristides de Andrade Sales (Itarema), Pe. Luiz Vieira Beviláqua (Paracuru e cooperador da Catedral), Pe. Lima (Itapajé), Pe. Antônio Moreira (Assunção e Pentecoste), Pe. Estevam Rudinik (Assunção e Pentecoste), Pe. Raimundo Nonato Camelo, esse com pequena passagem em Itapipoca e logo transferido para Uruburetama, na condição de vigário cooperador do pároco Monsenhor Solom, em Uruburetama. Foram esses padres que contribuíram com o nosso primeiro bispo, Dom Paulo Ponte, e alguns deles, ainda, alcançaram o episcopado do segundo bispo, Dom Benedito Francisco de Albuquerque.

Para mim que tive o prazer de conviver com todos eles, é uma satisfação muito grande registrar esses acontecimentos, na certeza de que nos 42 anos de motorista para a Diocese de Itapipoca, contribuí com a história, para que as pessoas no futuro, ou mesmo no presente, tomem conhecimento da caminhada da Igreja católica em nossa diocese, hoje formada por 17 municípios e que, geograficamente, está situada entre a Arquidiocese de Fortaleza e a Diocese de Sobral.

Inicialmente eram treze paróquias e atualmente são 30 e uma Área Missionária, provando o quanto a diocese se desenvolveu ao longo dos seus quase 47 anos de criação. No começo, havia apenas, 11 padres, e hoje conta com aproximadamente 50 sacerdotes a serviço da evangelização, graças ao trabalho responsável dos seus bispos, padres, religiosos e religiosas que contribuíram para as vocações sacerdotais, estimulando e, dando oportunidade aos jovens de fazerem suas experiências vocacionais, participando de movimentos em suas paróquias.

Outros acontecimentos fortes no despertar dos jovens para a vocação sacerdotal são as Missões Populares e o grande número de jovens que todos os anos recebem o Sacramento da Crisma, realizado durante as visitas pastorais do senhor bispo nas paróquias. Vale ressaltar o apoio aos coroinhas, e em nossa diocese esse acolhimento tem dado resultados positivos, numa avaliação pessoal pelo que percebo nas visitas que acompanho.

Muitas coisas boas aconteceram, não só na parte espiritual, também na parte social, e, aqui, quero ratificar um acontecimento que poucas pessoas conhecem. Como falei anteriormente, no começo da diocese era muito difícil o acesso às paróquias, principalmente, Miráima, Apuiarés e Assunção (na região serrana). Praticamente, não existia estrada e a que havia não era todo carro e nem todo motorista que conseguia subir a serra, pior na época de inverno. Havia um projeto dos moradores de Assunção, juntamente, com Manoel Ramos, de saudosa memória, cujo objetivo era a mudança da es-

trada. Ele era uma figura popular que gostava muito de beber e tocar, altamente inteligente e foi ele exatamente quem projetou a nova estrada. Em meados de 1968, os governos, além de não terem recursos, não tinham interesse para realizar tais obras. Naquele ano, foi um inverno escasso e os agricultores passaram por enorme dificuldade e, com a falta de trabalho, eles ameaçavam descer à sede do município para invadir o comércio. Foi aí que a Igreja, que sempre esteve ao lado dos mais necessitados, juntamente com o Círculo Operário, associação que tinha sido fundada pelo ex-vigário Pe. Abelardo e, cujo diretor, o cidadão chamado César, conseguiram alimentos com o Governo Federal para suprir as necessidades das famílias. Em troca, os pais trabalhavam na construção da nova estrada e, assim, foi feito todo o trabalho manualmente, ficando uma melhor opção de acesso ao distrito de Assunção.

Depois de alguns anos, assumiu a paróquia de Assunção o reverendo Pe. Estevam que trabalhou muito no melhoramento das estradas serranas, quebrando pedras e abrindo novos acessos, arriscando, muitas vezes, a própria vida, tudo para melhorar a vida do povo que não tinha como fazer o traslado das pessoas enfermas da comunidade, por exemplo, sendo necessário trazê-las para Itapipoca em uma rede armada, num pau bem resistente, carregada por homens. Isso é só uma pequena amostra do que a Igreja católica representou e representa, ainda, hoje na área social.

Falando do vigário Pe. Estevam, foi implantado por ele muitos cursos profissionalizantes: bordado, corte e costura, implantação de bibliotecas, tudo para estimular os jovens à leitura. Dessa maneira, se eu fosse escrever tudo o que a Igreja de Itapipoca fez nesses 48 anos de diocese daria um bom livro, sem contar com ajuda do poder público, que era muito ausente naquela época.

Dados bibliográficos de Dom Paulo Ponte, 1º bispo da Diocese de Itapipoca/CE

- Pais: Maria Lehena de Andrade Ponte e Frederico Ferreira Ponte.
- Nascimento: 24 de junho de 1931, em Fortaleza/CE.
- Batizado em 03 de agosto de 1931, na Catedral de Sobral, por Monsenhor José Gerardo Ferreira Gomes.
- Fez sua primeira comunhão em 29 de agosto de 1941, na Capela do Colégio Cearense, em Fortaleza, onde havia feito, também, seu então, curso primário.
- Foi crismado em 5 de fevereiro de 1943, em Fortaleza, na igreja do Rosário, por Dom Antônio de Almeida Lustosa.
- Entrou no Seminário Menor de Fortaleza, na Prainha, em 9 de fevereiro de 1943, onde estudou até 1950, quando foi enviado para Roma a fim de continuar seus estudos na Pontifícia Universidade Gregoriana, morando no Pontifício Colégio Pio Brasileiro, a partir de 19 de setembro de 1950.
- Ordenou-se sacerdote na cidade de Roma, na Basílica de São João de Latrão, em 03 de abril de 1954.
- Passou, ainda três anos, em Roma para doutorar-se em Teologia, defendendo a tese “A possibilidade da Visão Beatífica à Luz da Razão”, em 27 de junho de 1957.

- Ao voltar para o Brasil, foi nomeado Coadjutor de Itapipoca, tendo assumido no dia 29 de outubro de 1957, onde permaneceu até 09 de fevereiro de 1958.
- De volta a Fortaleza, ficou à disposição do Seminário Arquidiocesano até 10 de fevereiro de 1960, quando assumiu a Cúria da paróquia de Nossa Senhora Aparecida, no bairro Montese, em Fortaleza. Depois foi, também, nomeado Capelão de Escola, a serviço social em Fortaleza.
- Em 19 de fevereiro do mesmo ano, foi à França, onde fez uma experiência na Congregação dos Irmãozinhos de Charles de Foucauld, exercendo a função de cozinheiro, de 02 de abril a 27 de junho de 1961. Terminado esse estágio fez o curso do Instituto Superior de Pastoral Catequética em Paris, até 1963.
- De volta a Fortaleza, em 1964, passou a ser o diretor espiritual do Seminário da Prainha.
- Em 1967, viajou para o Rio Grande do Sul, cidade de São Leopoldo, fez o curso “Christus Serrados”. Nesse mesmo, em outubro volta a França para fazer um curso de reciclagem teológica, até 1969.
- De volta ao Ceará passa a lecionar no Instituto de Ciências Religiosas - ICRE , no antigo Seminário da Prainha.
- Em fevereiro de 1971 foi nomeado diretor do ICRE, onde permaneceu até sua vinda para Itapipoca.
- Foi eleito Bispo da Diocese de Itapipoca no dia 25 de junho de 1971, por Sua Santidade o Papa Paulo VI.
- Foi designado bispo, em 02 de julho de 1971. Sua sagração e posse aconteceram na cidade de Itapipoca, sede da nova diocese, em 21 de novembro de 1971, festa de Cristo Rei do Universo, no patamar da Igreja catedral.

- De 1975 a 1979 foi membro da Comissão Episcopal de Pastoral – CEP, responsável pela linha 2 da CNBB.
- Em maio de 1981 foi escolhido para ser o responsável pela Pastoral da Terra, no Regional NE 1.
- Em fevereiro/1984 foi escolhido pelo Santo Padre, o Papa João Paulo II para ser Arcebispo de São Luís do Maranhão, onde tomou posse em 17 de junho de 1984.
- Prestou serviços na Arquidiocese de São Luís até o dia 19 de novembro de 2005, quando tomou posse Dom Belisário que o sucedeu na Arquidiocese.
- Dom Paulo renunciou ao episcopado, antes dos 75 anos de idade, devido a um problema de saúde; foi acometido de uma fibrose pulmonar que se manifestou no início de 2002, causando-lhe dificuldades respiratórias. Mesmo assim permaneceu à frente da Arquidiocese até novembro de 2005, na condição de Arcebispo Emérito, escolheu ficar em São Luís/MA, ausentando-se vez por outra, para tratar da saúde, seguindo, corretamente, as orientações médicas, a doença venceu.
- Em 06 de setembro de 2008, quando sentiu uma grande crise, afastou-se, totalmente, de suas atividades, e ficando sob cuidados médicos.
- Faleceu às 3h e 30 minutos do dia 15 de março de 2009, na cidade de São Luís do Maranhão, onde foi sepultado, na manhã do dia 16, no Jardim da Catedral.



UMA HISTÓRIA PARA CONTAR | José Evando de Sousa

Capítulo 3

*Eleição e Nomeação de
Dom Benedito Francisco de
Albuquerque, segundo Bispo
Diocesano de Itapipoca*



Dom Benedito Francisco de Albuquerque, 2º Bispo da Diocese de Itapipoca-Ce. Fonte: Diocese de Itapipoca.

Em 24 de dezembro de 1984, Pe. Benedito foi informado pela Nunciatura Apostólica no Brasil de sua indicação para bispo de Itapipoca/CE, tendo dado seu consentimento, apenas três dias depois, em 09 de janeiro de 1985, uma quarta-feira, o *L'Osservatore Romano* – Órgão da Santa Sé, publicou a notícia. No dia seguinte, 10 de janeiro, os jornais do Ceará trouxeram em manchetes de primeira página, a grata notícia que tanto alegrou a família Coreauense e toda a Igreja no Ceará. O *Jornal O POVO*, em sua primeira página, fez o seguinte registro: “Pe. Benedito será o bispo de Itapipoca. O *L'Osservatore Romano* publicou a notícia da escolha do padre cearense para bispo de Itapipoca em substituição a Dom Paulo Ponte, transferido para São Luiz/MA. Em entrevista ao *O POVO*, ontem à tarde, Pe. Benedito falou de sua experiência pastoral e sobre o trabalho que pretende realizar à frente daquela diocese, contando com o apoio de todos os paroquianos, padres, religiosos e agentes de pastoral. Pe. Benedito nasceu em Coreaú, e tem 56 anos de idade”.

A Sagração Episcopal e Posse

Na festiva data de 05 de maio de 1985, após o pedido de Ordenação Episcopal proferido pelo Pe. Felipe Carsi e a leitura da Bula Papal *Adorando Christi Verbo*, de 04 de janeiro de 1985 atinentes à sua episcopal, Dom Benedito foi sagrado bispo na Catedral de Itapipoca por Dom Aloísio Lorscheider, Cardeal Arcebispo Metropolitano de Fortaleza, tendo como sagrantes Dom

Paulo Ponte, arcebispo Metropolitano de São Luiz do Maranhão e Dom Walfrido Teixeira Vieira, então bispo da Diocese de Sobral, com a assistência de mais nove bispos e 100 sacerdotes. A multidão presente ao ato foi estimada em dez mil pessoas.



Ordenação Episcopal de Dom Benedito Francisco de Albuquerque. Fonte: Arquivo da Diocese de Itapipoca.

Os municípios de Coreauú, Granja, Fortaleza e paróquias que compõem a diocese anfitriã se fizeram presentes ao grande evento. A colônia coreauense, radicada na capital do Estado, marcou presença, felicitando o ilustre conterrâneo. Dom Benedito adotou como lema episcopal: *Evangelizare pauperibus* que em latim significa “evangelizar os pobres”.

Foi uma festa muito bonita, lotou a Praça Perilo Teixeira, com uma verdadeira multidão saudando o seu segundo bispo diocesano com faixas e cartazes, desejando votos de boas-vindas. Em seguida, uma recepção às autoridades com um jantar oferecido pela Diocese de Itapipoca e pelas famílias católicas que contribuíram para abrihantar a festa de posse do novo bispo. Dom Benedito assumiu a diocese depois de uma caminhada de 12 anos e seis meses sob o comando de Dom Paulo Ponte, transferido para a Arquidiocese de São Luiz do Maranhão.

Na função de motorista da diocese, tive como missão levar o bispo para conhecer as paróquias que faziam parte do seu rebanho, foram mais do que 13 dioceses, com a criação da diocese Paróquia Santa Rita de Cássia, em Paraipaba, criada por Dom Paulo Ponte e tinha como vigário, o reverendo Pe. Pascoal Belmonte.

Quando da posse de Dom Benedito, a organização das paróquias era a seguinte: Pe. Luiz Vieira Beviláqua (paróquia de Paracuru), Pe. Tomaz (paróquia de Trairi), Pe. Antônio Simplício (paróquia São Luiz do Curu), Pe. Arnaldo (paróquia de Uruburetama), Pe. Antônio Moreira (paróquia de Pentecoste), Pe. Raimundo Fração (paróquia de Apuiarés), Pe. Pascoal Rios Osterne (paróquia de Itapajé), Pe. Francisco das Chagas Pontes (paróquia de Irauçuba), Pe. Carlos Alberto Siqueira, o Pe. Beto (paróquia da Assunção), Pe. Fáios (paróquia de Amontada), Pe. Felipe (paróquia de Miraíma), Pe. Aristides Sales (paróquia de Itarema), Pe. Pascoal Belmonte

(paróquia da Paraipaba) e Pe. José Wilson Freitas César (paróquia Nossa Senhora das Mercês – Catedral).

A diocese já contava com um número de seminaristas que estudavam em Fortaleza, uns fazendo Filosofia e outros Teologia, todos bem encaminhados para ordenação: Francisco Marques Mota, Raimundo Juvemar Rogério Matos, Messias Fernandes, Ataíde Araújo, Ribamar Mota Ramos e José Valter da Costa (*in memoriam*).

Não demorou muito, todos eles foram ordenados padres pelas mãos de Dom Benedito, com exceção do seminarista Messias que, por motivo superior, teve que fazer uma experiência, afastando-se do seminário e trabalhando no MEB. Passado esse período experimental, retornou ao seminário e foi ordenado pelo bispo diocesano.

Com esses novos padres a situação de algumas paróquias melhorou bastante, tais como Assunção, Uruburetama, Trairi e Jesus Cristo Redentor, que não eram paróquia, mas já necessitavam da presença de um sacerdote.

Pe. Valter foi ser cooperador do pároco Pe. Tomás, em Trairi. Pe. Marques foi nomeado pároco de Assunção. Pe. Juvemar direcionado para São Pedro da Miráima. Pe. Ribamar ficou substituindo o vigário de Uruburetama que tinha viajado para a Itália.

Dom Benedito, quando padre recém-ordenado, sempre foi um educador, comprovado pela leitura de sua história. Na condição de vigário, em sua terra natal, Coreaú, foi o pioneiro na educação daquele município. Transferido para Fortaleza, foi nomeado professor da Universidade Estadual do Ceará-UECE, e um dos pro-

prietários do Colégio Capistrano de Abreu, localizado no bairro Benfica.

Como bispo da Diocese de Itapipoca continuou suas funções na UECE, mesmo que em tempo reduzido, para não ser prejudicado com a sua aposentadoria no futuro. Isso se deu por certo tempo, até chegar em Itapipoca o primeiro curso de Pedagogia por essa universidade, dando certo para que Dom Benedito completasse seu tempo de serviço.

Educador que era, deu continuidade ao Colégio Patronato que tinha como diretora a Professora Maria Nair Soares, com uma longa experiência, na área, pois era formada e teve uma passagem pelo MEB, trabalhando com educação junto às comunidades eclesiais e alfabetizando o trabalhador do campo que não tinha oportunidade de aprender o mínimo necessário.

Depois de algum tempo, Dom Benedito convidou uma freira que projetava abrir uma casa de formação e, ao mesmo tempo, trabalhar com educação, uma vez que trabalhava na direção de uma Escola em Fortaleza, Irmã Rosalie Sampaio, filha natural de Tururu. Aceitando o convite, ela foi para Itapipoca e se instalou na residência episcopal, construída, também, com este objetivo, de funcionar como casa de religiosas, depois mudando-se para um prédio próprio, nos arredores do complexo diocesano, além da morada do bispo. Em seguida, foi nomeada diretora da Escola Patronato Nossa Senhora das Mercês, permanecendo até a saída de Dom Benedito, como bispo emérito de Itapipoca.



Irmã Rosali Sampaio, Superiora do Instituto São Vicente de Paulo e ex-diretora do colégio Patronato Nossa Senhora das Mercês em Itapipoca-Ce. Fonte: Arquivo Pessoal.

Nesse tempo a Igreja do Brasil passava por um período de conflitos, lutas de trabalhadores que ansiavam por reforma agrária, ou seja, a aquisição da terra para dela tirar seu sustento e, em Itapipoca, não foi diferente. A Igreja já fazia sua opção pelos mais pobres, então o bispo criou por meio da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB , a Comissão Pastoral da Terra – CPT, e colocou a professora Nair, que havia ocupado a direção do Patronato para cuidar dessa Pastoral. Orientava os trabalhadores na questão dos problemas, dos conflitos do campo, que preocupava muito o bispo, uma vez que era representante da Pastoral da Terra no Regional Nordeste 1 da CNBB.

Vários foram os conflitos na nossa Diocese, de Itapipoca, em Capim Açú em Itapajé, Jandaíra em Trairi,

Malamba em Itapipoca, Salgado do Nicolau em Trairi, Morro dos Patos em Itarema e tantos outros, isso sem contar com as lutas das comunidades Maceió e Mirandinha, em Itapipoca, e Barbosa, em Itarema. Foi um período que acompanhei de perto e pude presenciar momentos de muitas dificuldades para Dom Benedito e os demais bispos do Regional.

Muitas vezes passamos momentos de ameaças. Presenciei, em uma caminhada que os trabalhadores da comunidade de Barbosa, Mirandinha, e outras do município de Itarema se organizaram, saindo de Barbosa ao Morro dos Patos, com muitos relatos de opressão e maus-tratos de proprietários para com esse povo, relatos de outras comunidades de paróquias que faziam parte da diocese. Houve uma celebração presidida por Dom Benedito e concelebrada pelos padres Fernando Pontes e o Pe. Aristides Sales, vigário da Paróquia Nossa Senhora de Fátima,

Na comunidade Morro dos Patos aconteceu um conflito, culminando com a morte de um trabalhador. O clima estava tenso e, em plena missa, o pai da vítima agrediu o Pe. Aristides, causando um desconforto terrível no local. Isso foi numa época em que os trabalhadores lutavam por terra para trabalhar e, também, buscavam junto ao Instituto Nacional de Colonização Reforma Agrária-INCRA, a tão sonhada reforma do governo que não saía.

Mas como representante da Pastoral da Terra junto ao Regional Nordeste 1 CNBB, Dom Benedito, sempre, buscava o diálogo junto aos proprietários, trabalhadores

e sindicatos, e assim aconteceu esse grande movimento que não era só na Diocese de Itapipoca, mas em todo o Brasil, claro que sempre com apoio da Igreja Católica, com sua linha evangelizadora de apoiar os mais pobres. No entanto, a Igreja jamais aconselhou, estimulou ou pregou a violência; o objetivo era facilitar e dar condições para tirar da terra o sustento de quem nela vive.

Nesse mesmo período houve conflitos, também, em Jandaíra, Salgado do Nicolau, em Trairi, Capim Açu e, Itapajé e Malamba, em Itapipoca. Na medida em que iam acontecendo as desapropriações os conflitos iam diminuindo e, assim, foi voltando a normalidade no campo, claro que com esforço das autoridades governamentais e o diálogo entre trabalhadores e lideranças comunitárias que lutavam, em conjunto, com o mesmo objetivo, que era a paz no campo. Quero deixar registrados esses acontecimentos que presenciei e vivi como motorista que acompanhava o bispo em todas suas viagens tanto nas paróquias, quanto nas comunidades e em outras dioceses do Ceará, pois era o bispo que acompanhava todo esse movimento das lutas dos trabalhadores sem-terra. Contudo, posso testemunhar o trabalho, o esforço, o desgaste que o bispo teve no sentido de tudo ser resolvido dentro da normalidade, conforme o evangelho. Graças a Deus, foi apenas um período que, apesar de algumas perdas, teve um resultado bastante positivo. No decorrer do tempo, os próprios latifundiários procuravam vender suas terras ao governo para uso de reforma agrária, e hoje tudo está tranquilo, em relação à terra, sendo o grande problema

a situação de estiagem que sempre teve no Nordeste, de modo especial, no Estado do Ceará. Essa realidade tem piorado, bastante, nos últimos anos, dificultando a convivência do trabalhador do campo que vive da agricultura e, segundo os estudiosos, isso está acontecendo com maior frequência por conta do desmatamento que tem aumentado. Lamentavelmente, o nosso agricultor tem a cultura de queimar a terra para poder plantar, o que não é certo. Os estudos comprovam que seria bem melhor para as plantas, os legumes e para a natureza evitar ao máximo as queimadas.

Dom Benedito sempre foi preocupado com a questão hídrica, não só da Diocese de Itapipoca, mas também de todo o Estado do Ceará, estimulando e orientando os trabalhadores a se organizarem, no sentido de buscar junto às autoridades soluções para a questão da água nas comunidades e municípios. Numa diocese que abrange 17 cidades, sendo a grande maioria no semiárido, dá para imaginar os sérios problemas causados pelas fortes secas, o que foi uma grande preocupação de Dom Benedito. As comunidades, as lideranças, e até prefeitos procuravam o bispo para juntos fazerem forças junto aos governos Estadual e Federal, no sentido de conseguir, para a região, açudes e outros instrumentos que resolvessem ou ao menos amenizassem os problemas hídricos.

Recordo-me muito bem da luta do bispo em 1998, para que fosse construída a barragem do Açude Gameleira, em Itapipoca, projeto que já tinha sido feito há muitos anos e não passava de promessa. Outro exemplo

que presenciei foi a construção do Açude Jerimum, em Itapajé, que foi uma luta de Dom Benedito e, foi construído na administração do então governador Tasso Jereissati para socorrer o município de Irauçuba. Pena que com a pressão dos proprietários de terra que ficava no entorno foi construído, apenas pela metade. Já a barragem Gameleira só “saiu dos papéis”, em 2013, no governo de Cid Gomes – mas não posso deixar de registrar os pedidos de Dom Benedito, sempre, que ia falar com o governador e, como vereador que era, sempre tive o prazer de acompanhá-lo.

A Igreja sempre teve uma participação muito forte nas questões sociais e com isso os bispos e padres trabalhavam para suas dioceses e paróquias terem uma educação de qualidade, uma melhor saúde, estradas de acesso. Quando Dom Benedito assumiu a diocese a situação era calamitosa, até mesmo a estrada que dava acesso à sede de Itapipoca estava em péssimas condições (estrada que liga Itapipoca à BR 222), isso sem contar com os municípios de Apuiarés, Pentecoste, General Sampaio, Miraíma e Trairi. Todas essas cidades só tinham estradas carroçáveis, com péssima manutenção, no verão, porque em período de inverno ficavam intransitáveis. Nos seus 19 anos à frente da Diocese de Itapipoca e com o prestígio que tinha junto ao governo do Estado, conseguiu que nenhuma sede de paróquia ficasse sem asfalto, fato verdadeiro que pude acompanhar, o seu esforço e sua dedicação com seus diocesanos e com os trabalhadores de forma geral.

Dom Benedito foi, sem sombra de dúvidas, um incentivador da pequena agricultura e sempre priorizava os produtos que eram expostos à venda nas estradas, por onde se passava, para valorizar o pequeno e médio agricultor. Com o lema evangelizar os pobres, fica claro o seu carisma, a preocupação que demonstrava por onde andava. Não só na parte espiritual mas também, com a questão social, estimulando sempre as pessoas a plantarem seus roçados, evitando as queimadas; ter sempre um pé de limão em seu quintal, construir uma capela na comunidade para rezar e se reunirem para discutir seus problemas, construir um cemitério, e comprar uma bíblia, tendo a responsabilidade de ler. Ele não admitia um casal de jovens que procurava o casamento gratuito por não ter condições de pagar a espórtula (taxa própria para manutenção da igreja) e no dia da cerimônia era contratado um fotógrafo para uma seção de fotos e não tinha condições de comprar uma bíblia. Sempre o ouvia falar isso nas suas homilias, era um pastor que falava a linguagem dos mais simples, com uma facilidade para que todos entendessem as suas pregações e seus conselhos.

Sinto-me muito honrado em ter o privilégio de trabalhar com Dom Benedito nos seus 19 anos de bispo diocesano de Itapipoca. Muito aprendi com seus ensinamentos e sua forma de viver, muito hospitaleiro, humilde, e muito humano. A diocese melhorava com as suas pastorais, foi construído o Seminário Menor João Paulo II, no bairro Maranhão, tendo sido reitor o nosso amigo Pe. Ataíde, que incentivou muitos jovens que de-

sejavam se preparar para ser padres e servir à nossa diocese. Muitos desses seminaristas, no decorrer dos anos, alcançaram seus objetivos, a exemplo de: Pe. Davi Martins, Pe. Clayton Teles, Pe. Aureliano Alves, Pe. Adelino Torres, Pe. João Batista de Lima, Pe. Antônio Lopes e Pe. Francisco Neto.

Com a ordenação destes novos padres, foram criadas novas paróquias: Jesus Cristo Redentor (Violete/Itapipoca, 1986), São Francisco de Assis (Itapipoca, 1998), São Francisco de Assis (Pentecoste, 2000) e Nossa Senhora da Natividade (Umirim, 2005). Já haviam sido criadas oito áreas pastorais: São José (Canaan, 1989), São Miguel Arcanjo (Mundaú, 1989), Santa Rita de Cássia (Juritianha, 1990), Nossa Senhora da Conceição (Almofala, 1992), Nossa Senhora da Natividade (Umirim, 2000), Nossa Senhora do Rosário (General Sampaio, 2002), Nossa Senhora da Conceição (Tururu, 2003) e São José (Itapipoca, 2004).

A diocese crescia em sua população de católicos e, com razão, o povo cobrava do bispo mais padres nas localidades que já ofereciam condições de manter um sacerdote em sua área, mesmo que não fosse ainda paróquia. Por esse motivo, foram criadas áreas pastorais, além das áreas comunitárias, mesmo que por certo período, pois para o bispo era estratégico. Teve como coordenador dessas áreas o reverendo Pe. Clayton que, mesmo recém-ordenado, fez um brilhante trabalho com a missão de evangelizar e minimizar os conflitos, pois se tratava de uma área de assentamento.

Muitas realizações ao longo dos 19 anos: construção de novas capelas, em toda a diocese, salões comunitários, abertura de casas religiosas, fundação do Instituto São Vicente de Paulo (1996), fundação da Casa de Recuperação dos Dependentes Químicos (Projeto Volta Israel, no Poço verde, coordenado pela Comunidade Católica Shalom), concessão de uma Rádio Educativa, a FM ESPERANÇA (2001), cuja instalação aconteceu, em 2002, e sua inauguração em 13 de maio de 2003.



Rádio Uirapuru de Itapipoca. Fonte: Arquivo Pessoal.

Aqui quero enfatizar o esforço de Dom Benedito, quando foi colocada à venda a Rádio Uirapuru de Itapipoca. Corria-se um grande risco da emissora parar nas mãos de nossos irmãos evangélicos. Na época, não existia outra emissora na região e isso seria um grande

prejuízo para a Igreja católica, uma vez que se tratava de um meio de comunicação muito importante e que tinha e tem até hoje uma audiência muito abrangente, praticamente, cobrindo toda a diocese.

A Diocese de Itapipoca não dispunha do dinheiro necessário, pois se tratava de uma quantia muito alta para a realidade dessa igreja particular. O bispo, juntamente com sua equipe, não mediu esforços e trabalhou bastante para efetuar a compra o mais rápido possível, pois, tinha um prazo estabelecido pelo o senhor José Pessoa de Araújo, proprietário da referida emissora.

Orgulho-me de ter acompanhado, de perto todo esse processo ao lado de Dom Benedito, principalmente, no dia em que tinha que efetuar o pagamento até às 18h. Enquanto o bispo pedia dólares (a venda deveria ser efetuada em moeda estrangeira) emprestados aos seus amigos em Fortaleza, eu me dirigia até esses locais para buscar os montantes. Lembro-me da época, eu era vereador em Itapipoca e, pelo telefone, vendi um carro pampa da diocese para completar o pagamento. E assim foi feito. Às 18h estavam no local para efetuar o pagamento o bispo Dom Benedito, Pe. Marques (ecônomo da diocese), José Ivo Magalhães (diretor da Rádio Uirapuru), o amigo Carlos Guedes e este motorista.

Hoje, fazendo uma retrospectiva da minha vida, como um bom conhecedor da Igreja do Ceará e um simples funcionário da diocese, já aposentado, me sinto orgulhoso e não posso deixar de reconhecer a coragem de Dom Benedito e, ao mesmo tempo, parabenizá-lo por

esse grande feito, pois vale ressaltar, também, que das nove dioceses do Estado do Ceará somente Itapipoca tem o privilégio de ter no ar duas emissoras de rádio, a serviço da sociedade e da evangelização.

Muitas coisas boas foram criadas, na diocese por Dom Benedito, além das já citadas, ressaltam-se os conselhos paroquiais e conselhos de assuntos econômicos, fundação do Centro de Defesa dos Direitos Humanos, criado em 1º de maio de 2000, apoio à implantação do então 2º Grau no Colégio Nossa Senhora das Mercês (1968), fundação do Instituto Teológico e Pastoral de Itapipoca- ITE-PI (02 de fevereiro de 1993), fundação da Escola Profissionalizante (1995), a fundação do Lar Sagrada Família (27 de junho de 1995) e a fundação da Casa de Nazaré, no bairro Estação, em Itapipoca (05 de maio de 2000).



Lar Sagrada Família em Itapipoca. Fonte: Arquivo Pessoal.



Escola profissionalizante em Itapipoca. Fonte: Arquivo Pessoal.

Foram criadas muitas pastorais que deram um impulso significativo na caminhada da diocese, citando a Pastoral da Família e o Encontro de Casais com Cristo-ECC, que tem dado um novo direcionamento na vida das paróquias, contribuindo e estimulando casais a frequentarem e participarem da vida eclesial. Hoje, temos uma diocese que caminha à luz de seu plano de pastoral com uma organização que resulta em excelente evangelização.

Em 13 de dezembro de 1985, levava Dom Benedito à sua terra natal, Coreaú, após sua sagração, quando completava trinta e dois anos de sua primeira missa na matriz de Nossa Senhora da Piedade, e uma grande homenagem marcou essa visita. Por volta das 9:00h, Pe. Fernando Pontes, diácono Joaquim Ataíde e Dom Benedito pisaram o solo coreauense. Uma grande multidão o

aguardava em frente à igreja de São Francisco. Saudado pelas pessoas com “vivas” e fogos de artifício, sua excelência desceu do carro e caminhou com o povo até a casa paroquial, onde foi recebido pelo vigário da paróquia, dando-se, em seguida, início à Celebração Eucarística presidida pelo ilustre conterrâneo e naquele momento visitante.

Dom Benedito, sempre, foi muito ligado à sua terra, seus amigos e familiares – tradicional família de Coreaú. Fizemos muitas viagens às “Águas dos Curiós” (topônimo de origem tupi-guarani que dá significado ao nome do município), ao longo de 20 anos que trabalhei com ele. Irmão gêmeo de Antônio Geraldo Albuquerque, com quem tinha uma grande ligação e possuía propriedades em Coreaú, sempre que podia ia passar um ou dois dias na pequena fazenda, onde tinham casa e algumas cabeças de gado. Relembro do senhor Raimundo, morador que cuidava, com carinho, da fazenda e era muito querido da família, sendo seu amigo particular, onde ficava conversando com ele, que era um agricultor e tinha bastante experiência, gostando muito de ouvir suas histórias.

A localidade onde se localiza a fazenda chama-se Malhada Vermelha. Contando com muitas famílias, todas religiosas, não demorou muito, e graças, ao esforço do senhor Geraldo, com o apoio de seu irmão bispo e da comunidade foi construída uma capela, cuja padroeira é Santa Rita de Cássia. Estive presente em sua bênção. Foi uma festa muito bonita e contou com a presença de familiares, amigos, convidados e autoridades locais.

Lembro que, naquela época, poucas comunidades tinham energia elétrica e tudo era por meio de associações que poderiam fazer o pedido. Foi criada a Associação de Moradores de Malhada Vermelha, tudo com a ajuda do senhor Geraldo Albuquerque, que tinha o objetivo de eletrificar sua comunidade. Foi feito o projeto e encaminhado para o governo do Estado que atendia com recursos do projeto.

Em pouco tempo, o projeto foi autorizado pelo governo, concretizando, dessa forma, o antigo sonho daquela comunidade e dos familiares de Dom Benedito. Vale ressaltar que a preocupação do senhor bispo não era só com a sua terra; grande foi seu esforço para resolver esse problema que atingia quase que a totalidade das comunidades de sua diocese. Não havia energia, água, estradas... não foi à toa que Dom Benedito foi presidente do Conselho Municipal de Desenvolvimento Sustentável- CMDS, criado pelo governo do Estado para priorizar o que era de mais urgência nos municípios. Lembrando-se que a Diocese de Itapipoca é composta por 17 municípios e, na época, todos eram muito carentes de infraestrutura, em pouco observando-se a atuação do poder público, sendo necessária a presença da Igreja para dar encaminhamentos e fazer as coisas acontecerem.

Tive o prazer de caminhar e acompanhar, de perto, todos esses problemas e sinto-me na obrigação de registrar uma boa parte desses acontecimentos, até para fazer justiça com a nossa Igreja que tem uma história

que muitos não conhecem. Contudo, devo também registrar alguns fatos interessantes que aconteceram nesta caminhada de 20 anos, exercendo a função de motorista da diocese, no período em que seu segundo bispo atuou. Naturalmente, relatarei fatos normais, cotidianos, inerentes à pessoa humana.

Dom Benedito tinha uma rotina bem específica quando íamos visitar as paróquias. Ao chegarmos, em nosso destino, pedia que eu parasse para ele vestir sua indumentária episcopal (batina e acessórios), assim, manteria o costume ou tradição legítima dos padres mais “velhos”, ordenados em outra época e que ele, na qualidade de bispo, guardava com zelo para que sua chegada ficasse mais solene.

Em uma visita pastoral à paróquia de Amontada, fomos à comunidade de Nascente e antes de chegarmos ao povoado, fui pegar a batina para que ele a vestisse. Constatei que a Irmã Marleide, religiosa vicentina responsável por arrumar sua mala, havia esquecido de colocá-la. Dirigindo-me a Dom Benedito disse para ele que sua batina não tinha vindo. Ele logo me repreendeu: -“Evando, é obrigação sua checar tudo antes de viajarmos. E agora, o que vou fazer?” Ao que, calmamente, respondi: -“Dom Benedito, o que não pode faltar é o bispo, a batina pode!” Ele logo mudou de cor, ficando muito vermelho – isso é próprio de Dom Benedito quando está chateado com alguma coisa. No entanto, não se tinha o que fazer naquele momento.

Em outro momento, por ocasião da festa de Nossa Senhora das Mercês (setembro), em Itapipoca, eu me encontrava de licença do trabalho, por ser candidato ao cargo de vereador do município. Saindo rumo à sua residência, encontro-o de batina, caminhando a pé para celebrar a missa das 9h na Catedral. Com meu carro cheio de “santinhos” de propaganda política e com a “malda-de própria” de qualquer candidato me dirigi a ele falando: -“bom dia, Dom Benedito, o senhor a pé?” Ele me respondeu:- “bom dia, meu irmão, ainda bem que você chegou!” Eu querendo chegar junto ao bispo para “arriscar alguns votinhos” fui logo abrindo a porta do carro para ele entrar. Quando ele viu as fotos dos candidatos, inclusive a minha, disse: - “ah, sim, meu irmão, agora que me lembro que o meu médico falou que é muito bom fazer uma caminhada!” Esquivou-se de entrar e continuou seu caminho a pé até a Catedral.

Noutra circunstância, enquanto viajávamos, falava da sua vida de “padre novo”, das dificuldades que enfrentara, a exemplo, muitas vezes ter que andar a pé ou a cavalo pelo sertão de Coreaú, pegando chuva e sol. Foi quando comprou o primeiro carro da paróquia (um Jeep) com ajuda da Igreja da Alemanha. Depois comprou, para seu uso pessoal – um fusca. E durante a conversa me falava que isso tinha sido o começo e gostaria de comprar ainda um fusca para terminar. Nesse tempo, eu possuía um fusquinha e fiquei encarregado de procurar um para que o bispo comprasse. Foi aí que me lembrei que o então vigário de São Luiz do Curu, nosso amigo Pe. Beto, tinha

interesse em vender um de sua propriedade. Não perdi a oportunidade. Falei para Dom Benedito que, imediatamente, ficou interessado em fechar esse negócio. Falou com Pe. Beto e comprou o fusca. Fui buscar o veículo que era bem-arrumadinho, diga-se de passagem. Certo dia, Dom Benedito resolveu dar um passeio no fusca com as Irmãs Vicentinas. Coincidentemente, eu estava passando perto da residência episcopal quando vi o carro parando de repente. Vi uma mão acenando em minha direção, chamando-me para ir até o veículo. E realmente estava. Quando me aproximei, entendi o que havia acontecido. Dom Benedito estava deitado dentro do fusca, sem poder fazer nada, pois o banco do passageiro tinha quebrado fazendo com que o senhor bispo fosse a vítima. Foi uma situação muito engraçada.

Em nossas viagens sempre aconteciam fatos engraçados. Nos finais de ano, Dom Benedito procurava agradar as pessoas que viviam em torno dele, costumava fazer sorteio, um dia para passar na casa de uma pessoa. Certa vez na brincadeira foi sorteada a Irmã Imaculada, filha natural da comunidade de Maceió, no litoral de Itapipoca. Nessa viagem foram todas as aspirantes do Instituto São Vicente de Paulo para passar o dia de lazer com a família da sorteada. Chegando lá fomos muito bem recebidos pela família e as pessoas que já estavam à nossa espera: muita água de coco, passeio, visitas do bispo, conversa com pescadores e muito mais. Foi um dia maravilhoso. Ao entardecer, foi celebrada uma Missa em Ação de Graças, por aquele dia inesquecível e, no

final da celebração, Dom Benedito chamou o pai da Ir. Imaculada para dar uma palavrinha. O pobre senhor não tinha o costume de falar em público, principalmente, na sua própria comunidade. Mesmo assim ele foi, pegou o microfone e começou mais ou menos assim: - “meus amigos, para mim, hoje foi o dia mais feliz da minha vida. Estava tirando uns cocos, que eu já sabia que eles vinham, quando entrei em casa estava Dom Benedito com toda a sua curriola”. Foram muitas risadas dentro da igreja, mas a intenção dele era maravilhosa.

Outra marca engraçada de Dom Benedito era quando jogava baralho. Quando sentávamos para nos divertir, no carteadado não tinha quem ganhasse dele. Ele só jogava olhando as cartas que já tinham “caído”. Quando tinha dúvidas perguntava: -“meu irmão, o sete de copas já caiu?” Caso não respondêssemos, ele olhava todas as cartas que já tinham caído. Numa ocasião, eu jogava com ele, quando me perguntou se já tinha caído determinada carta. Falei que sim, mas na verdade ainda não tinha caído. Peguei o bispo (risos). Ele olhou para mim e disse: - “meu irmão, você enganou seu bispo!” Respondi: -“jogo é jogo, Dom Benedito!” Ele apenas riu. Ele é uma grande figura humana, simples, hospitaleiro e amigo.

Gostava muito de estar bem informado, nas viagens ele só andava com o rádio ligado e procurando as notícias do Brasil e do mundo. Às vezes, eu ficava meio estressado com tantas notícias, boas e ruins; sintonizava de forma péssima o rádio, deixando-o com um ruído muito alto, sendo que, habitualmente, ao invés de sintonizar direito a

estação, aumentava o volume tornando o ruído ainda mais alto e irritante. Gostava muito de rádio, mas não ouvia músicas, era sempre ligado nas notícias de um modo geral.

Em toda esta narrativa, no entanto, enfatizo que Dom Benedito, sempre foi um homem sábio. Eu entendia aquele jeito dele fazer as coisas, pois, desde que foi ordenado contava com alguém por perto, secretariando seus compromissos, isso com certeza dificultava um pouco na hora de fazer as coisas que não eram próprias de suas funções religiosas, mesmo coisas rotineiras. Ele faz parte de uma geração muito diferente dos dias de hoje, em que as pessoas são obrigadas a aprender a realizar suas tarefas diárias.

Uma das coisas que passo a narrar era a forma pedagógica e fácil com que ele se expressava em suas homílias, falando uma linguagem que as pessoas entendiam com muita facilidade. Falava de roçado, de frutas, de pescas, de açude, de poço artesiano e muitas outras coisas que escutamos, até nos dias atuais, isso facilitava as pessoas se aproximarem do bispo.

Ficava bastante chateado quando as pessoas conversavam em suas celebrações, levando-o a chamar atenção dos fiéis. Nas missas de Crisma era muito comum os fotógrafos tirarem fotos no momento em que ele crismava, e ele não aceitava pelo simples fato de tirar a atenção dos jovens que recebiam o sacramento. Chegava, mesmo, a ameaçar quebrar os equipamentos dos fotógrafos. Em contrapartida, quando terminava a

missa, com muita paciência e delicadeza, tirava fotos com todos que desejavam e tudo terminava numa boa.

Eu ficava bastante impressionado com algumas atitudes de Dom Benedito, quando entrava alguma abelha dentro do carro e ele ficava apavorado e tenso. Tempos depois, descobri que ele era alérgico à picada de abelhas. Não deixava de ser uma situação engraçada, sua maneira de reagir.

Nas viagens que fizemos, não só na diocese, mas em todo Ceará, durante 20 anos, percorremos muitos caminhos e ele sempre demonstrava medo de se perder nessas viagens. Em diversas situações, eu era obrigado a parar o carro e perguntar se estávamos no caminho certo. Lembro-me de uma viagem que fizemos à Diocese de Crateús para a posse de Dom Jacinto, estando conosco o vigário de Miraíma, Pe. Juvemar. Por volta das 23h, ao retornarmos, achei por bem entregar a direção ao padre que, logo na saída da cidade resolveu pegar outra estrada que não era a correta, e andamos vários quilômetros perdidos. À noite, a gente não encontrava uma pessoa para nos orientar e quando encontrávamos algumas casas, os moradores apagavam as luzes por medo. Felizmente, saímos em uma estrada que logo reconhecemos, mas, a essa altura o bispo tinha brigado muito conosco. Contudo, o mais importante é que tudo deu certo e logo Dom Benedito estava bem.

No começo de seu episcopado, ele não tinha hora certa para viajar. Recordo-me que uma vez estávamos em Mundaú, no retiro dos seminaristas, e ele ia celebrar

uma missa em Ação de Graças de 50 anos de ordenação sacerdotal do pároco de Miraíma, Monsenhor Moraes. Saímos umas 15h de lá e chegamos, praticamente, em cima da hora. O veículo que usávamos na época era uma Toyota bandeirante sem conforto algum, quente, dura e sem direção hidráulica, terrível, mas era o transporte do bispo. Encerrada a missa, voltamos para Mundaú. Lembro que perto de Brotas o carro teve problemas, pegou ar e não conseguia mais andar. Era aproximadamente uma hora da madrugada. A felicidade era que eu entendia do problema e logo saímos do “prego”. Era muito comum acontecerem esses imprevistos e o motivo era a qualidade das estradas que fazia o carro balançar muito e toda sujeira do tanque ia direto para as bombas injetoras causando esses transtornos.

Em outra viagem para um encontro de Comunidades Eclesiais de Base-CEBS, na Diocese do Crato, ficamos uma semana inteira sem dormir direito. Quando terminou o encontro, Dom Benedito resolveu sair de Juazeiro do Norte às 19h, de volta para Itapipoca, na mesma Toyota Bandeirante. Foi um grande sofrimento. Todos os passageiros dormindo e eu viajando sem tomar conhecimento de muitos lugares por onde passávamos, pois acabava dormindo ao volante de tanto cansaço. Só Deus mesmo para nos proteger naquela noite!

Registro, também, outros momentos de perigo que passamos nas estradas da nossa diocese e região. Em uma viagem à região serrana, precisamente, nas Cabeceiras do Mundaú, distrito de Arapari percebi que o carro estava

com problemas de freios, mas de repente, tudo voltou ao normal. Chegando em Mundaú, fui deixar uma amiga nossa na Comunidade de Engenhos. Ao nos aproximarmos do local, passamos por uma ladeira muito alta e todo aquele problema da falta de freios voltou. Então, como era uma reta, deixei o carro descer e, na volta, tudo já estava normal novamente. Ficamos na serra o dia todo. O bispo celebrou à noite e, na manhã seguinte, voltamos para Itaipoca. Enquanto descíamos a serra, nos deparamos com uma das ladeiras mais altas da região. E não é que fomos pegos de surpresa pelo carro. Ao tentar reduzir a velocidade para uma marcha de força, o freio desapareceu. Tive que agir com muita rapidez e tranquilidade, pois nessas horas tudo é muito rápido. À esquerda da descida havia um caminho que dava acesso a uma casa de taipa. Não pensei duas vezes. Peguei essa estradinha e joguei o carro em cima da casa que estremeceu toda. O morador veio como um raio e tomado de muita raiva foi logo procurando abrir a porta. Antes que ele falasse alguma coisa eu gritei: - “sua casa salvou o bispo!” Aquilo foi uma bênção para o homem que ficou totalmente solidário.

Em outra situação, voltando de uma festa religiosa na localidade de Juritianha/Acaraú, fomos surpreendidos por um carro que nos “trancou” na estrada e escapamos por um milagre de Deus. Era uma subida, e logo ao descê-la encontramos um carro parado em cima da pista, fora do acostamento. Atrás do carro ia uma moto e, na hora que fui ultrapassá-la, o motoqueiro me fechou. Sem ter mais condições de parar, pois estava em “cima” da moto-

cicleta, não pude evitar a batida. Com a forte batida, o piloto da moto veio para cima do para-brisa e eu continuei tentando segurar o carro a fim de não capotar. Quando consegui parar o carro, o motociclista saiu rolando no asfalto. Naquele instante de desespero, confesso que minha maior preocupação era com Dom Benedito que vinha cochilando e acordara com o susto. Ele se encontrava coberto de vidros estilhaçados e assustado com a situação. Ao perceber que ele estava, relativamente, bem corri para socorrer o motoqueiro que se encontrava caído na pista. Ao levantar-se do asfalto, percebemos que ele estava bem, não tinha quebrado nenhuma parte do corpo e logo ficou de pé, seguindo seu caminho. Retornando ao carro encontrei Dom Benedito desmaiado e aquilo me deixou muito apreensivo. Chamei pela Irmã Miranda que também vinha conosco para averiguar seu estado. Tudo isso aconteceu em fração de segundos. Encaminhei o bispo e a freira à cidade de Morrinhos para avaliação médica no hospital. E tudo, graças a Deus, estava normal. Depois de todo o ocorrido, cheguei a uma conclusão: foi um milagre! Quem via a situação do carro não acreditava que tinha escapado alguém naquele acidente. Isso nos serve para mostrar que Deus está acima de tudo e sempre protege as pessoas de bem, Ele sabia que o bispo tinha uma missão muito importante e, no meu caso, que estava a seu serviço. Faço questão de deixar esse fato registrado, afinal foram 22 anos de estradas, muitas viagens ao lado do bispo emérito e, quem está viajando, sempre corre riscos.

Aqui aponto um aspecto que acho interessante pensar. Talvez pareça meio fora do contexto, mas se pensarmos bem, há grande relação com o que disserto neste capítulo. Com a chegada da internet, observei várias mudanças comportamentais. Comparando o antes e o depois, fica evidente a transformação das realidades, algumas para melhor e outras nem tanto. Nas melhorias, posso citar que as pessoas estão mais informadas com o avanço da tecnologia e o acesso aos meios. Hoje se acompanha muito mais o que se passa no Brasil e ao redor do mundo numa velocidade instantânea. Com a febre das redes sociais, inclusive, no meio eclesial (coisa inimaginável há algum tempo atrás), observa-se uma adesão, cada vez mais precoce, de crianças à conectividade. Isso, confesso, desperta em mim grande preocupação por inúmeros aspectos, mas deixo para os analistas de plantão. Refiro-me, na verdade, à observação de que, com tantas novidades na era digital, há uma grande mudança nos valores cristãos, respeito à dignidade humana e mesmo da própria fé.

Quando comecei a trabalhar com Dom Paulo e Dom Benedito, ao chegarmos nas comunidades, ou mesmo na sede dos municípios, o bispo era recebido com festa, por uma multidão e a cidade inteira parava para recebê-lo. Se a visita fosse nas comunidades rurais, a festa era ainda maior, com caminhadas e bandeiras tremulando para receber seu pastor diocesano. Percebia-se um clima de paz, uma fé autêntica que havia nas famílias; hoje me parece que as pessoas não acreditam em mais nada, nem muito menos no sagrado, perdeu-se a vivência do sobrenatu-

ral. Não se leva mais nada a sério, não se respeita mais a autoridade religiosa e, às vezes, fico pensando como minha geração sofre com essa triste transição que vivemos atualmente, mas não aceitamos. Entendo que é um conjunto de fatores que contribui com a triste realidade.

Nas visitas pastorais que aconteciam vivia-se um momento forte de evangelização. Evidentemente que hoje em dia, também, acontece isso, mas para mim que acompanho o bispo, vejo que há uma grande diferença, embora o episcopo atue de maneira eficaz, afetiva e efetiva na relação com seu rebanho. É uma realidade em todas as dioceses do nosso Regional NE 1 – CNBB. Por outro lado, também, observo pontos positivos na atual vivência eclesial. Os fieis participam de maneira mais consciente e animadora, principalmente nas festas de padroeiros, há várias pastorais, conselhos de capelas, o movimento do terço dos homens em quase todas as paróquias, percebendo-se uma grande organização da nossa diocese.

Preciso valorizar e reconhecer o trabalho de Dom Benedito, na condição de bispo diocesano. Em quase 20 anos de episcopado frente à Diocese de Itapipoca, incentivou e proporcionou muitas coisas boas: implantação do dízimo, criação dos conselhos paroquiais, conselhos de assuntos econômicos, criação e aprimoramento de normas pastorais e administrativas, instalação da torre transmissora, da Rede Vida de Televisão (maio/1999), fundação da Casa de Recuperação dos Dependentes Químicos (Projeto Volta Israel, no Poço Verde, sob a responsabilidade da Comunidade Católica Shalom, em

fevereiro de 2002), abertura do Seminário Religioso São Luís Orione (maio/1988, pertencente à Congregação da Pequena Obra da Divina Providência–Orionitas), fundação do Seminário Diocesano João Paulo II (fevereiro/1988), criação das paróquias Jesus Cristo Redentor (bairro Violeta – Itapipoca, 1986); São Francisco de Assis (bairro Fazendinha – Itapipoca, 1986); São Francisco de Assis (Pentecoste, 2000), Nossa Senhora da Natividade (Umirim, Janeiro/2005); a concessão da Rádio FM ESPERANÇA (2001, e sua instalação em 2002); a compra da Rádio Uirapuru de Itapipoca e muitas outras realizações que serão apresentadas em sua biografia.

Outro ponto que merece destaque é o número de ordenações presbiterais realizadas por Dom Benedito Francisco de Albuquerque. Durante seus 19 anos de episcopado como bispo titular de Itapipoca, ordenou 29 padres, sendo 23 do clero secular e seis do clero religioso. Do total de sacerdotes ordenados, cinco não foram incardinados na diocese, quatro religiosos integrantes do clero regular e um padre secular. Foram ordenados por ele:

1. Pe. Ribamar Mota Ramos
2. Pe. Joaquim Ataíde de Araújo
3. Pe. José Maria de Carvalho Alves
4. Pe. Raimundo Juvemar Rogério Matos
5. Pe. Padre José Valter da Costa (in memoriam)
6. Pe. Francisco Marques Mota
7. Pe. José Clayton Teles
8. Pe. Francisco Neto de Sousa
9. Pe. Raimundo Adelino Torres
10. Pe. José David Martins da Silva

11. Pe. Afonso dos Santos Gomes
12. Pe. Messias Santana Fernandes
13. Pe. Francisco Aureliano Alves de Sousa
14. Pe. João Batista de Lima
15. Pe. Antônio Lopes Ferreira
16. Pe. Arão Silva dos Santos
17. Pe. Aldo Teixeira Braga
18. Pe. Frei José Edilson Magalhães, ofm
19. Pe. Carlos Sulino Pinto
20. Pe. Francisco Antônio Farias Carneiro
21. Pe. Francisco de Assis Oliveira
22. Pe. Flávio Sandro Fernandes
23. Pe. João Batista Lourenço do Nascimento
24. Pe. Francisco das Chagas de Sousa
25. Pe. Jorge Henrique Rocha, podp
26. Pe. Aurélio Ferreira Correia
27. Pe. João Batista Ferreira, sdn
28. Pe. José Raimundo de Oliveira
29. Pe. José Cleonor Magalhães

Não podemos deixar de reconhecer esse grande feito de Dom Benedito, em 19 anos de bispo diocesano ordenou esse grande número de padres, uma boa reviravolta frente à realidade do início da diocese, sem falar num bom número de seminaristas que ficou no Seminário Maior (Fortaleza) cursando Filosofia e Teologia, muitos dos quais foram ordenados logo após sua renúncia ao episcopado, já no bispado de seu sucessor, Dom Frei Antônio Roberto Cavuto, OFMCap.

Obras realizadas no episcopado de Dom Benedito

- Fundação do Instituto São Vicente de Paulo, 1986;
- Abertura de casas religiosas: a) Filhas da Santa Maria da Providência (Paraipaba, 25/7/1994/ Itapipoca, 19/2/1995/ Amontada, 17/4/1998), b) Irmãs Franciscanas Bernardinas (Apuiarés, 28/7/2000), c) Irmãs Mercedárias (aberta em 2000, em São Luís do Curu e fechada em 2002, em Juritiana), d) Irmãs Franciscanas do Amparo (Tururu, 03/3/1990/ Arapari, 03/6/1993);
- Fundação do ITEPI – Instituto Teológico e Pastoral de Itapipoca (02/2/1993);
- Fundação da Escola Popular Profissionalizante (janeiro, 1995);
- Fundação do Lar Sagrada Família (27/6/1995);
- Fundação da Casa de Nazaré (05/5/2000);
- Aquisição da Rádio Uirapuru de Itapipoca (06/4/1994);
- Criação das áreas pastorais: São José (Canaan, 1998), São Miguel Arcanjo – Mundaú (1989), Santa Rita de Cássia – Juritiana (1990), Nossa Senhora da Conceição – Almofala (1992), Nossa Senhora da Natividade – Umirim (2000), Nossa Senhora do Rosário – General Sampaio (2002), Nossa Senhora da Conceição–Tururu (05/7/2003), São José – Itapipoca (19/2/2004);
- Criação de novas paróquias: Jesus Cristo Redentor – Violete (1986), São Pedro – Tejuçuoca (1986), São Francisco de Assis – Pentecoste (2000) e Nossa Senhora da Natividade – Umirim (24/1/2005);
- Fundação do Seminário Diocesano João Paulo II (10/2/1988);

- Abertura do Seminário Religioso São Luís Orione (à época apenas Dom Orione, 21/5/1988);
- Instalação da torre transmissora da Rede Vida de Televisão (05/5/1999);
- Ampliação da residência episcopal de Itapipoca (05/5/1999);
- Ampliação da Casa de Retiro, em Mundaú (setembro, 2001);
- Fundação da Casa de Recuperação para dependentes químicos (Projeto Volta Israel, no Poço Verde, 28/2/2002);
- Rádio Educativa FM ESPERANÇA 106,1 (concessão em 2001, instalação em 2002 e inauguração em 13/5/2003);
- Instalação da Comunidade de Vida Apostólica Shalom (Itapipoca, 01/4/2000);
- Apoiou a construção de igrejas e capelas em toda diocese;
- Apoio à implantação do então 2º grau no Colégio Nossa Senhora das Mercês (1986);
- Apoio ao Conselho Municipal de Desenvolvimento Sustentável - CMDS (1995);
- Visitas pastorais anuais em todas as paróquias e áreas pastorais;
- Participação nas festas de padroeiros em todas as paróquias e áreas pastorais;
- Criação do Conselho de Assuntos Econômicos Diocesano;
- Criação dos Conselhos Paroquiais e Conselho de Assuntos Econômicos Paroquiais;

- Dissolução dos conflitos de terra: 1) Assentamentos Maceió e Fazenda Malhada (paróquia Jesus Cristo Redentor), 2) Assentamento Barbosa (paróquia de Almo-fala), 3) Assentamentos Salgado do Nicolau e Vieira dos Carlos (paróquia do Trairi), 4) Taboca (sede rural – Itapipoca), 5) Escalvado (Arapari/Assunção), 6) Capim Açú (paróquia de Itapajé), 7) Severino (paróquia de Uruburetama), 8) Icarai (na época pertencente à paróquia de Amontada) e 9) Patos (paróquia de Itarema);
- Criação das Pastorais: Comunicação, Educação, Familiar e Sobriedade;
- Criação e aprimoramento de normas pastorais e administrativas;
- Realização de seminários sobre a Convivência com o Semiárido;
- Realização de inúmeros seminários na área social: semiárido, dependência química, etc.;
- Ordenação de sacerdotes, cinco não incardinados e 24 incardinados.

Dados bibliográficos de Dom Benedito

- Filiação: José Francisco de Albuquerque Sobrinho e Maria da Natividade de Albuquerque.
- Nascimento: 24 de agosto de 1928.
- Batismo: 10 de outubro de 1928.
- Ordenação Sacerdotal: Sobral/CE (08/12/1953).
- Ordenação Episcopal: Itapipoca/CE (05/5/1985).
- Lema Episcopal: *Evangelizar Pauperibus* (Evangelizar os pobres).

Dados educacionais

- 1º e 2º graus (1936 – 1947), Coreaú e Sobral/CE.
- Filosofia e Teologia (1948 – 1953), Fortaleza/CE.
- Curso e Mestrado em Sociologia (1966 – 1967), Roma/Itália.
- Licenciatura em Filosofia (1971 – 1972), Teresina/PI.

Dados profissionais

- Vigário de Coreaú/CE (1954 – 1963);
- Fundador e diretor do Colégio Nossa Senhora da Piedade, Coreaú/CE (1954 – 1964);
- Diretor Diocesano de Catequese, Sobral/CE (1964 – 1965);
- Vigário de Granja (1965 – 1966 e 1968 – 1970);
- Professor do Colégio Estadual de Granja|CE (1965/1968 / 1970);
- Coadjutor da paróquia da Paz, Fortaleza/CE (1970 – 1980);
- Professor da Universidade Estadual do Ceará – UECE, Fortaleza/CE (1970 – 1985);
- Diretor do Colégio Capistrano de Abreu, Fortaleza/CE (1971 – 1980);
- Vigário da paróquia São Vicente, Fortaleza/CE (1980 – 1985);
- Secretário da Comissão Nacional do Clero da CNBB (1982 – 1985);

- Presidente da Comissão Regional do Clero NE 1 (1982 – 1985);
- Bispo titular da diocese de Itapipoca (1985 – 2005);
- Presidente do Regional NE 1 (1995 – 2000)
- Presidente do Conselho Municipal de Desenvolvimento Sustentável - CMDS, Itapipoca (1995 – 2002);
- Membro do Conselho Permanente da CNBB (1985 – 2002);
- Membro do Conselho Estadual de Desenvolvimento Rural-CEDR;
- Membro da Comissão da Seca (1989);
- Presidente da Rádio Uirapuru de Itapipoca (1994 –...);
- Presidente da Rádio FM Esperança 106,1 (2003 – 2005).

Escritos

- A Educação de Base à luz da “*POPULORUM PROGRESSEDUS*”;
- O Sagrado e o Profano: sua situação na Pastoral.



UMA HISTÓRIA PARA CONTAR | José Evando de Sousa

Capítulo 4

*Dom Antônio Roberto
Cavuto, OFM Cap -
Terceiro Bispo de Itapipoca*



Em 31 de julho de 2005, tomou posse o terceiro bispo diocesano de Itapipoca, no Ceará, Dom Antônio Roberto Cavuto, OFM^{Cap}.

O clero diocesano, religiosas, pastorais e o povo católico da diocese estavam entristecidos com o afastamento de seu segundo bispo, Dom Benedito Francisco de Albuquerque, por determinação do Direito Canônico: “o bispo diocesano, que tiver completado setenta e cinco anos de idade é solicitado a apresentar a renúncia emérita”, após um episcopado de 20 anos. Uma grande alegria tomava conta de seus corações com a chegada e posse do novo bispo diocesano vindo de Belo Horizonte (MG).

Foi, sem dúvida, uma grande celebração religiosa. Contou com a presença de suas excelências, os senhores bispos do Regional NE 1 CNBB, clero diocesano, padres convidados de outras dioceses, religiosas, seminaristas, inúmeros convidados, familiares do novo bispo, autoridades civis, principalmente prefeitos e vereadores que representavam seus municípios, localizados dentro do território diocesano, representantes das paróquias, pastorais, movimentos e o povo católico que, entusiasmado, traziam faixas com mensagens de boas-vindas ao novo prelado.



Ordenação Episcopal de Dom Antônio Roberto Cavuto em Belo Horizonte-MG. Fonte: Assembleia Legislativa.

Ainda em Belo Horizonte, MG, na sua sagração episcopal, com a presença de Dom Benedito, padres da diocese Pe. Farias e Pe. Antônio Lopes, José Ivo Magalhães, diretor da Rádio Uirapuru de Itapipoca, leigos da diocese, o então prefeito municipal sr. João Ribeiro Barroso, o novo bispo enviou uma mensagem aos seus futuros diocesanos:

“Excelentíssimo Senhor Bispo Diocesano, Dom Benedito Francisco de Albuquerque, queridos padres, religiosos, religiosas, seminaristas, queridos irmãos e irmãs da Diocese de Itapipoca: Paz e Bem!”

O Senhor chamou-me para servir, como Bispo, ao povo de Deus que está na Igreja Particular de Itapipoca/CE.

Na minha vida de frade franciscano capuchinho, pela graça de Deus, sempre me dispus a tudo o que foi pedido como serviço à Igreja e à Ordem.

É com alegria e disposição que quero estar com vocês, acompanhando a bonita caminhada que a diocese vem fazendo, tendo à frente o senhor, Dom Benedito, principalmente no serviço aos empobrecidos e excluídos.

Vocês não me conhecem e eu não conheço vocês. Então, a tarefa de procurar nos conhecermos através de encontros, visitas, convivência, para desenvolver entre nós o amor, a fraternidade e a solidariedade. Da minha parte, vou para junto de vocês com a mente e o coração aberto e disposto a dar tudo de mim para bem servir a todos.

Sinto-me honrado em suceder ao senhor, Dom Benedito, e ao mesmo tempo, com a responsabilidade de dar continuidade a todo trabalho de serviço pastoral que o mesmo desenvolveu nestes vinte anos de doação da sua vida à Diocese. Quero poder contar com a sua presença, sua ajuda e sua preciosa sabedoria e experiência.

A vocês irmãos padres, religiosas, seminaristas, quero me unir no empenho que vocês já desenvolvem na ação pastoral e na busca de libertação de tudo o que oprime e fere a dignidade dos filhos e filhas de Deus.

O lema que eu escolhi “Queremos ver Jesus” carrega toda a profundidade, densidade e ousadia do Projeto Nacional da Nova Evangelização da CNBB em resumo: Queremos ver Jesus, para conhecê-lo, amá-lo, e segui-lo, na busca da comunhão e da construção da justiça e da paz.

A vocês, irmãos e irmãs agentes de pastorais, que já participam e atuam na vida das comunidades e aos demais, católicos ou não, convido para que, juntamen-

te com o bispo, os padres, os religiosos, as religiosas e os seminaristas nos deixem impulsionar pelo Espírito Santo e nos lancemos neste grande mutirão que é a edificação de uma sociedade justa, fraterna e solidária, que todos tenham vida em plenitude (Jo 10, 10).

São Francisco de Assis, assimilando o modo de ser de Jesus quis, para si e os seus companheiros o ser menor, isto é, estar a serviço principalmente dos pobres e marginalizados, na simplicidade e na gratuidade. Que ele nos inspire em nossa caminhada.

Ao senhor, Dom Benedito, peço a bênção e suas orações, como também as peço a vocês padres, religiosos, religiosas, seminaristas e demais irmãos e irmãs que vivem, trabalham e sonham nesta querida Diocese de Itapipoca.

Espero encontra-nos em breve. Abraço-os, fraternalmente.”

Essa foi sua primeira mensagem, ainda em Belo Horizonte, MG, por ocasião de sua ordenação episcopal aos seus futuros diocesanos, pois ainda não havia tomado posse, o que só aconteceu, em 31 de julho de 2005.

Com o senhor bispo vieram morar em Itapipoca sua mãe, a senhora Rosália de Oliveira Cavuto e sua irmã, Ana Maria Cavuto. Logo depois, chegaria mais uma irmã que se estabeleceu em Fortaleza.

Dom Antônio já havia visitado Itapipoca mesmo antes de assumir a diocese. Nessa sua vinda manteve contatos preliminares com os setores diocesanos em uma reunião que teve em sua pauta a apresentação de todos os funcionários, e cada um falava em que ativi-

dade trabalhava e o que fazia. Esse, naturalmente, foi seu primeiro contato, tendo, também, conversado com Dom Benedito, a fim de uma prévia de como funcionava a Cúria Diocesana e assim poder se inteirar de sua dinâmica. Em seguida, houve um almoço no Seminário João Paulo II, contando sempre com a presença de Dom Benedito e alguns padres diocesanos, seminaristas e pessoas ligadas às pastorais.

Todo começo apresenta suas dificuldades, principalmente, para o bispo que vinha de outro Estado (Minas Gerais), com outra cultura e uma situação financeira com melhores condições. Mas, tratando-se da Igreja sua doutrina é sempre a mesma, e logo em pouco tempo o bispo se adaptou e começou a trabalhar, conhecendo as paróquias. Claro que na função de motorista da diocese, com um conhecimento geral a respeito da realidade diocesana, tive o prazer e a alegria, assim como foi com o segundo bispo, Dom Benedito, de levá-lo a cada paróquia. Era sempre muito bem recebido pelo povo que aguardava com ansiedade uma oportunidade de conhecer o novo bispo, seu mais novo pastor.

Em cada paróquia que o bispo visitava, era recebido com apresentações de agentes de pastoral com uma breve amostra da realidade local e assim, em pouco tempo, visitamos todas as paróquias. Foi um período extraordinário.

Sempre que chegava um novo bispo, era natural que ele nomeiasse sua própria equipe de trabalho, para ajudá-lo na administração da diocese. E foi, justamente, o que

Dom Antônio fez logo no início de seu episcopado, como também transferência de padres e outras ações pastorais.

Com uma caminhada de mais de 30 anos que a Diocese de Itapipoca possuía, Dom Antônio encontrou “uma casa já bastante arrumada”, naturalmente, com alguns problemas. As pastorais funcionando muito bem, um bom número de padres, um grupo de seminaristas cursando filosofia, outro cursando teologia, o que facilitou o trabalho pastoral do novo bispo. Evidentemente, muitas coisas tinham urgência em ser feitas, ajustes, a renovação dos conselhos das paróquias e capelas. Geralmente, acontecia que um conselho ficava sempre “fechado”, sem dar oportunidade aos demais membros das paróquias e às comunidades, isso, indubitavelmente, foi uma atitude muito louvável do nosso bispo. Um trabalho de incentivo e uma reorganização na Pastoral do Dízimo, novo Conselho dos Consultores (padres), novo vigário geral, ecônomo, chanceler do bispado e um novo coordenador de Pastoral. Enfim, foram, algumas das mudanças que o novo bispo fez para continuar um trabalho que já estava dando bons frutos.

Outro acontecimento de suma importância que Dom Antônio e sua equipe fizeram foi a implantação do Plano Diocesano de Pastoral-PDP que, ainda hoje, está sendo estudado e implantado nas paróquias e comunidades, já com um resultado muito bom e uma organização na caminhada. Observava-se o quanto tem melhorado, graças a esse modelo implantado pelo nosso bispo e sua equipe.

Foram reestruturados os círculos bíblicos nas comunidades, estudando-se em pequenos grupos, fazendo com que as nossas comunidades aprendessem mais sobre a Sagrada Escritura.

Mais um movimento tem se destacado bastante nesse episcopado é o Encontro de Casais com Cristo-ECC que está presente em quase todas as paróquias da nossa diocese.

Em seus 14 anos de bispo diocesano de Itapipoca, Dom Antônio Roberto Cavuto ordenou 20 sacerdotes, proporção de mais de um novo padre a cada ano. São eles: Pe. Antônio Cesanildo Soares Moura, Pe. Francisco Danísio do Nascimento Silva, Pe. José Arnaldo de Lima Sales, Pe. Joaquim da Cruz Marinho Neto, Pe. Eugênio Simão de Oliveira, Pe. Manuel Costa Sousa, Pe. Ailton Ramos da Silva, Pe. João Ivo Vidal do Nascimento, Pe. Antônio Agenor Matias (desligou-se do Ministério Presbiteral), Pe. Paulo José Castro Marinho, Pe. Edvaldo Monteiro da Silva, Pe. Francisco Régio Araújo Bezerra (*in memoriam*), Pe. José Oscar Honório da Silva, Pe. Francisco Marciano Teixeira Pinto, Pe. João Batista Alves Pereira, Pe. Edson Carlos Paz Teodósio Silva, Pe. Francisco das Chagas Lopes de Oliveira (Thesco), Pe. Davi Dias Cruz, Pe. Márcio André Lima de Cristo, Pe. Fabiano Albuquerque de Lima, Pe. Jadson Vergílio Mota Bastos, Pe. Romário Jônio Mota Rodrigues, Pe. Antônio Alberto Araújo de Sousa, Pe. José Flávio da Silva Ferreira, Pe. Antônio Dimas Lima e Pe. José Ránis da Paz Dias, acrescentando a ordenação de cinco outros padres de congregações religiosas.

Deve-se contar, também, a ordenação de 11 diáconos permanentes: 1) Manuel Sérgio Farias (Itapipoca/CE), 2) Francisco José Teixeira Silva (Itapipoca/CE), 3) Cláudio Viana Gonçalves (Itapipoca/CE), 4) Luiz Carlos Ávila Gomes (Uruburetama/CE), 5) José Luciano de Andrade (Umirim/CE), 6) Francisco da Silva de Araújo (Trairi/CE), 7) José Leite Filho (Trairi/CE), 8) Reginaldo Martins dos Santos (Itarema/CE), 9) Francisco Antônio dos Santos Neto (Juritiana/CE), 10) Absalão Bandeira de Castro (Pentecoste/CE) e 11) José Maria Xavier (Pentecoste/CE).

Elevou à condição de paróquia as sete áreas pastorais já existentes: Nossa Senhora da Conceição (Turuuru/CE), São José (Canaã-Trairi/CE), São José (Itapipoca/CE), Nossa Senhora do Rosário (General Sampaio/CE), Nossa Senhora da Conceição (Almofala/CE), São Miguel Arcanjo (Mundaú-Trairi/CE) e Santa Rita de Cássia (Juritiana-Acaraú/CE).

Criação de três paróquias e uma área missionária: Paróquia São Francisco e Santa Paulina (Trairi/CE), Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes (Icaraí-Amontada/CE), Paróquia Nossa Senhora de Lourdes (Serrota–Pentecostes/CE) e Providência-Pentecoste/CE, respectivamente.

Muitas reformas estão em andamento. Na residência episcopal, que eram urgentes, instalações totalmente comprometidas precisando substituir piso, instalações elétricas, portas, janelas, reforma da capela, gabinete do bispo, banheiros, cadeiras para sala de visitas e os próprios equipamentos de cozinha. Em segundo lugar, estão

sendo construídos refeitório, cozinha e área de serviço. No primeiro pavimento, um apartamento maior para o senhor bispo, pois o que ele ocupa é pequeno e não oferece boas condições. Vale ressaltar que essas obras já se encontram bastantes avançadas, sendo uma construção, totalmente, nova feita com recursos próprios.



Fachada do Prédio Diocesano. Fonte: Arquivo Pessoal.

Dom Antônio, também, gostava muito de valorizar a cultura, tanto que em suas viagens a outros países, durante suas férias, sempre ressaltava a importância dos museus, que contam a história de um povo que valoriza as artes como expressão do passado em projeção ao futuro. Por isso mesmo, o terceiro Bispo de Itapipoca reformou o antigo Seminário Menor João Paulo II, com as reformas bastante avançadas, para instalar um museu diocesano,

aproveitando as peças sacras, imagens antigas, vestes sacerdotais, castiçais, crucifixos e tudo que ainda existe nas paróquias que fizeram parte do passado.

Ainda me referindo às construções na diocese ressalto as reformas que estão sendo feitas na Casa de Retiro Nossa Senhora Estrela do Mar em Mundaú, Trairi/CE, melhorando as instalações do auditório, novos apartamentos, construção de uma casa em torno do refeitório, antiga casa do caseiro, completamente ampliada. Contando com a administração do Pe. Arão Silva e o apoio do bispo, a Casa de Retiro tomou outro rumo, no que tange ao melhor atendimento e acolhimento de seus usuários, sejam de pessoas que busquem o local para opção de hospedagem, para conhecer as belezas da praia e região, sejam agentes de pastoral que usam suas instalações para encontros e assembleias.



Casa de Retiro Nossa Senhora Estrela do Mar, Mundaú/Trairi. Fonte: Arquivo Pessoal.

Nosso bispo tem se dedicado de maneira incansável à questão das vocações sacerdotais. Desde que chegou à nossa diocese vinha trabalhando muito para resolver um problema, que há tempos, se arrastava: os seminaristas maiores de Itapipoca moravam no Seminário Regional, administrado pela Arquidiocese de Fortaleza, causando pequenos problemas, uma vez que cada diocese tem suas normas próprias. Na tentativa de solucionar tal pendência Dom Antônio trabalhou incessantemente para adquirir um espaço próprio para os seminaristas da diocese. Graças à Providência Divina e o apoio do bispo ao ecônomo da época, Pe. Francisco Marques Mota, o Conselho Econômico Diocesano autorizou a compra de um terreno no Município de Maracanaú/CE, região metropolitana de Fortaleza. Deu-se início, então, à construção do novo Seminário Maior Dom Paulo Ponte (em homenagem ao 1º Bispo de Itapipoca). Foram muitos os que contribuíram para tal feito como o amigo Pe. Joaquim da Cruz Marinho Neto (ecônomo) e Pe. Edivaldo Monteiro (reitor). Mas não posso deixar de registrar o trabalho do novo ecônomo, Pe. Francisco Danísio do Nascimento Silva e do amigo Dr. Ivá Monteiro, responsáveis pelas edificações não só do seminário, mas de todas as construções da diocese. No terreno adquirido, já existia uma casa velha, razoavelmente, grande. Depois de uma pequena reforma nos banheiros e a construção de um refeitório os seminaristas passaram a morar na sua própria Casa de Formação, em 2013. O Seminário tem capacidade para acolher até 25 seminaristas.



Seminário Diocesano Filosófico e Teológico em Maracanaú-Ce. Fonte: Arquivo Pessoal.

Dom Antônio, também priorizou as pastorais, claro que algumas ele via com um olhar mais apurado, a Pastoral da Educação, da Catequese, capacitação dos catequistas, Retiros, Pastoral da Comunicação-PASCOM, coordenada por Vanusa Linhares, que tem dado um avanço muito importante, promovendo encontros, mutirões e participando de seminários em outras dioceses e mesmo em outros estados, sempre contando com o total apoio do bispo diocesano, no sentido de melhorar, cada vez mais, a comunicação nas paróquias e nas Rádios Uirapuru e FM Esperança, que são os meios de comunicação de massa que a diocese dispõe, com programas religiosos diários, informações das paróquias e comunidades. Nesse aspecto observou uma atenção es-

pecial por parte do bispo, no sentido de melhorar os equipamentos, principalmente, da FM Esperança que tem hoje um alcance que abrange quase toda diocese. Certamente há também por parte do bispo que é seu presidente, juntamente, com Pe. Danísio (Diretor Geral) e o amigo Dr. Ivá Monteiro (Diretor Financeiro e Administrativo) e uma preocupação para melhorar o quadro dos locutores com uma boa preparação, comunicando-se bem, falando, sempre a verdade, dando assim uma credibilidade aos ouvintes.

No meu ponto de vista, a Diocese de Itapipoca tem um privilégio muito grande apesar das dificuldades que passa o nosso país, possuir duas emissoras de rádio sendo uma AM, e outra uma FM Educativa.

Outro momento forte de evangelização são as visitas pastorais do bispo, que acontecem todo ano e geralmente iniciam-se em maio. Normalmente, é uma visita na qual o bispo passa de dois a três na paróquia, realizando o Sacramento da Confirmação (Crisma) de jovens e adultos, encontros com os conselhos da paróquia, outros movimentos ligados às pastorais e uma visita à secretaria da paróquia para verificar os livros onde ficam registrados batizados, casamentos, o movimento financeiro da paróquia, o que entrou e o que saiu, bem como um contato mais direto do bispo com o povo. Isso acontece em todas as paróquias que compõem a diocese.

De igual relevância está a prioridade que Dom Antônio deu à Caritas Diocesana que, ao longo da caminhada da diocese, tem desenvolvido um excelente trabalho

juntos às paróquias e comunidades. Inúmeros foram os serviços prestados beneficiando muitas famílias ao longo dos anos, como cursos profissionais de eletricitista, bombeiro hidráulico, encanador. Nesses 14 anos de Dom Antônio na Diocese de Itapipoca, esse organismo da Igreja teve uma atenção especial a um dos maiores problemas dos últimos cinco anos, a estiagem. Com o programa do governo federal implantado na região do Nordeste brasileiro, na construção de um milhão de cisternas de placas para minimizar o problema hídrico dos menos favorecidos, a Caritas tem contribuindo muito com esse programa, tendo o apoio total do senhor bispo. Posso assegurar, com o conhecimento que tenho que, praticamente, toda a Diocese de Itapipoca está coberta com esse programa, garantindo água de ótima qualidade para o consumo humano.

Mais uma iniciativa implantada pela Caritas, o Banco de Sementes. Esse programa que garante ao pequeno agricultor não depender, apenas, do governo para fazer seu plantio no tempo certo, facilitando em muito a vida do agricultor que ficava refém do programa Hora de Plantar do Governo Federal, isso sem contar com a conscientização das famílias que aprendem que juntos podem resolver seus problemas.

Com a grande estiagem que tem castigado o Ceará, acredito que esse “braço da Igreja” nos ajudou a conscientização de muitas coisas, uma delas foi economizar e evitar o desperdício de água. Para isso, a Caritas Diocesana está implantando um programa do reuso da

água, que é usada na própria casa. Com esse sistema, ela pode ser utilizada em hortas caseiras e outras plantações que serão cultivadas no próprio quintal, depois de passar por um sistema de tratamento. O objetivo é fazer com que as famílias de baixa renda tenham em casa sua própria horta caseira que, além do consumo familiar, também, pode complementar o orçamento. São ações desse tipo que a Caritas tem desenvolvido ao longo dos anos na diocese. Projetos criativos, baratos e de um alcance social muito grande, que facilitam a vida das comunidades, orientando e, ao mesmo tempo, conscientizando as famílias no sentido de encontrar meios para melhorar a vida no campo.

Outra prioridade de Dom Antônio foi implantar na diocese as missões populares que têm feito um bem enorme às comunidades, incentivado muito as vocações sacerdotais e religiosas, sem contar com o reforço na evangelização e valorização da juventude na participação da missão na Igreja. Todos participam desse momento, padres, seminaristas, freiras, leigos e leigas, que acontece duas vezes por ano em paróquias diferentes, com uma semana inteira de atividades missionárias. Eles visitam todas as comunidades, em grupos, tendo a presença de um sacerdote, dando todo um acompanhamento com celebrações e confissões. Têm obtido excelentes resultados, ficando sempre agendada a próxima missão. As comunidades sentem-se estimuladas a participar mais dos movimentos de sua paróquia, dando assim uma “sacudida” na evangelização, onde, muitas

vezes, se observa uma queda nas pastorais e movimentos. Para mim é um grande feito do nosso bispo diocesano, que tem demonstrado grande apoio e estímulo ao seu rebanho.

Nesses 14 anos de trabalho, sendo motorista de Dom Antônio, tendo acompanhado toda sua caminhada na Diocese de Itapipoca, ele sempre apresentou um exemplo de humildade, muito simples e atuante, principalmente, nas visitas às paróquias (visitas pastorais e festas de padroeiros e padroeiras), um homem de honra, muito pontual e muito objetivo nas suas palestras e homilias, não gostava de conversar muito nas viagens. “Antenado” com as novas tecnologias, implantou o moderno sistema SGCP|THEOS, integrando todas as paróquias, tornando assim um acompanhamento mais eficaz e prático.

Responsável pelos bispos eméritos do Regional Nordeste¹ teve todo o cuidado de realizar um acompanhamento, fazer visitas a todos e até realizar encontros. Atualmente, é secretário do Regional Nordeste 1 CNBB, em Fortaleza, dando plantão todas as quartas-feiras com uma agenda bastante carregada com planejamentos, reuniões e atendimento às pastorais, aos grupos e movimentos da Igreja do Ceará.

Em seus 14 anos de episcopado, Dom Antônio percorreu muitas comunidades de nossa diocese, de um modo especial nas visitas pastorais, ou celebrações em capelas e comunidades durante a festa dos padroeiros, que são muitas e seria, praticamente, impossível em apenas 14 anos conhecê-las totalmente, uma vez

que são inúmeras na abrangência dos 17 municípios que compõem a Diocese de Itapipoca. Sem mencionar os compromissos que tem em outras dioceses e muitas vezes tendo que sair para outros estados a serviço da Igreja para assembleias, seminários, compromissos na própria CNBB Nacional, que acontece todos os anos, a exemplo da Assembleia Geral dos Bispos, período em que é planejado o que vai ser seguido na Igreja do Brasil.

Característica marcante de Dom Antônio, também, é o seu bom humor. Em Belo Horizonte, as moças que trabalhavam na paróquia e ainda não tinham encontrado casamento, eram carinhosamente identificadas pelo “Frei Toninho” (apelido carinhoso dado ao senhor bispo, quando ainda frade no convento), como pertencentes à ‘Confraria das Donzelas Militantes de Frei Toninho’, isso na paróquia de Pompéia. Assumindo a Diocese de Itapipoca, imediatamente identificou algumas funcionárias que não eram casadas; logo Dom Antônio criou a “Confraria das Donzelas Militantes”. No início as moças não aceitaram muito bem, mas logo entenderam que não passava de uma boa brincadeira do novo bispo.

Gostava de cantar, era afinado e tinha uma preferência pelo estilo gregoriano. Apreciava teatro e os bons filmes, sendo um admirador da cultura de um modo geral. Em Itapipoca, por ser uma cidade, relativamente, pequena e pobre em expressão cultural, Dom Antônio admirava as bandas de músicas que se faziam presentes nas festas religiosas dos padroeiros e padroeiras. Também, se alegrava bastante com as festas juninas, de um

modo especial com os festivais de quadrilhas, que é uma tradição do Nordeste, a partir do mês de junho.

Vem desenvolvendo um excelente trabalho, tanto no campo religioso, quanto no social, recebendo o reconhecimento por seu trabalho, por seu jeito simples de lidar com seus diocesanos. Graças a sua atuação e o bem que tem feito a uma expressiva parcela dos cearenses, recebeu o Título de Cidadão Cearense, sendo o autor da concessão o Exmo. Senhor Deputado Robério Monteiro, que obteve o apoio de toda a Casa Legislativa do Estado do Ceará.



Entrega do Título de Cidadão Cearense ao agora Bispo Emérito de Itapipoca Dom Antônio Roberto Cavuto. Fonte: Pastoral da Comunicação da Diocese de Itapipoca.

A entrega do título ocorreu no dia 21 de junho de 2018, na Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. Se-

gue a íntegra do discurso de sua Excelência Reverendíssima Dom Frei Antônio Roberto Cavuto, OFMCap, Bispo Diocesano de Itapipoca:

“No dia 30 de julho de 2005, quando iniciei o meu serviço como Bispo de Itapipoca, após ser acolhido festiva e carinhosamente pelos meus predecessores, Dom Paulo Eduardo de Andrade Ponte e Dom Benedito Francisco de Albuquerque, pelos bispos do Regional NE 1 CNBB, pelos padres, seminaristas e pelo povo de Deus das Paróquias e comunidades da Diocese, recebi do Sr. Prefeito de Itapipoca, João Barroso, as chaves da cidade. Agradei e disse que a chave era para abrir o coração do povo de Deus da Diocese de Itapipoca, uma vez que meu coração já estava aberto e entregue a todos. Desde quando o Núncio apostólico, Dom Lorenzo Baldisseri, em Brasília, me comunicou a minha nomeação como Bispo de Itapipoca, pelo papa Bento XVI, na obediência me dispus plenamente a essa nova missão que o Senhor me confiava. Era o dia 13 de maio, dedicado à Nossa Senhora de Fátima e o evangelho do dia era aquele em que Jesus dizia a Pedro: “Tu me amas? Apascente minhas ovelhas”. Senti que aquela palavra, naquele dia, era para mim. Na minha pequenez e fragilidade, aceitei essa missão, confiando na graça de Deus e na força do Espírito Santo.

Visitando Itapipoca, antes de minha Ordenação Episcopal, fui convidado para uma entrevista na Rádio Uirapuru de Itapipoca, e lá, o Padre Marques, na época Ecônomo da Diocese, me perguntou qual era o meu sonho. Respondi que o meu sonho era ver o povo feliz, em paz e na justiça. E para isto tenho vivido e me dedicado até hoje, com a colaboração dos nossos queridos

padres, diáconos, religiosos e religiosas, seminaristas, leigos e leigas conscientes e comprometidos em construir uma Igreja missionária, participativa, acolhedora, misericordiosa e transformadora.

Atentos aos ensinamentos do Papa e seguindo as orientações da Igreja Latino-Americana e da CNBB, procuramos acertar nossos passos na busca da unidade e comunhão, na Diocese e com as dioceses do Regional e da Igreja no Brasil. O Plano Diocesano de Pastoral vem aplicando as diretrizes para a evangelização da Igreja no Brasil à realidade e às necessidades de nossa Diocese. Viver e anunciar o evangelho: este é o caminho da felicidade, da paz e da justiça.

Dando continuidade à rica e fecunda caminhada liderada pelos meus predecessores, procuramos aperfeiçoar a organização das comunidades com a realização de assembleias comunitárias e a constituição de Conselhos Comunitários de Pastoral. A partir desta organização, os leigos e leigas têm desenvolvido extraordinariamente seu protagonismo na vitalidade e dinamismo das comunidades.

Movido pela minha vocação e missão, sempre sonhei e trabalhei por uma Igreja viva, missionária, transformadora, participativa. Como Bispo, muito mais ainda, procurando agregar a estes sonhos todos que compõem a Igreja Diocesana. Nestes treze anos de minha vida e serviço aqui, no Ceará, conhecendo a realidade do semiárido e a resistência do povo nordestino, aprendi a admirar a sua força e a sua fé. Diante das mais duras provações, as pessoas não perdem a fé, a esperança, a alegria de viver e o humor.

Sou paulista de nascimento, mineiro por ter vivido em Minas a maior parte da minha vida e, agora, cearense,

por adoção e por amor. Sinto-me honrado com essa distinção que me foi concedida, a de receber a cidadania cearense, o que vem confirmar o que já sou e quero ser.

Agradeço ao Senhor que me concedeu a graça de aqui viver, trabalhar e servir como pastor, cuidador e guia do povo de Deus.

Agradeço profundamente a amizade e a fraternidade de nossos irmãos padres de nossa Diocese, como também dos diáconos, dos religiosos e religiosas, dos seminaristas e dos agentes leigos e leigas. Se conseguimos avançar em nossa missão evangelizadora foi porque estivemos sonhando e caminhando juntos.

Agradeço aos meus familiares e parentes, que tanto contribuem para sempre manter viva a afeição familiar, tão importante e necessária à nossa maturidade humana e cristã.

Agradeço ao Exmo. Sr. Deputado Robério Monteiro, que propôs a esta Casa a concessão deste Título a mim, e a todos os Srs. Deputados e Deputadas pela aprovação da proposta”.



Encerramento da cerimônia de entrega de título de Cidadão Cearense.
Fonte: Pastoral da Comunicação da Diocese de Itapipoca.

DEDICATÓRIA



Família do Autor Evando Sousa. Fonte: Arquivo Pessoal.

Dedico este livro à minha esposa Lenira, aos meus filhos Ricardo e Renata e a todos os meus amigos que ajudaram e contribuíram para que este sonho se realizasse.

Este livro foi composto com a família tipográfica Gandhi, na Editora do Inesp.



João Milton Cunha de Miranda
Diretor Executivo

Luiz Ernandes dos Santos do Carmo
**Orientador da Célula de Edição
e Produção Gráfica**

Cleomárcio Alves de Loiola (Márcio),
Edson Ximenes Gomes Frota,
Francisco de Moura Barros, Hadson França Barros
João Alfredo Lanzilotti Martins
Equipe de Acabamento e Montagem

Aurenir Lopes Alves, Tiago Melo Casal
Equipe de Produção Braille

José Mário Giffoni Barros
Técnico de Diagramação

José Gotardo de Paula Freire Filho
Valdemice Costa de Sousa (Valdo)
Equipe de Design Gráfico

Rachel Garcia Bastos de Araújo
Redação / Assistência Editorial

Luzia Lêda Batista Rolim
Assessoria de Comunicação

Lúcia Maria Jacó Rocha, Marta Lêda Miranda Bezerra,
Maria Marluce Studart Vieira, Milena Saraiva Leão Vieira
Vânia Monteiro Soares Rios
Equipe de Revisão

Site: www.al.ce.gov.br/inesp

E-mail: inesp@al.ce.gov.br

Fone: (85) 3277-3701

Fax: (85) 3277-3707 *UMA HISTÓRIA* *É* Evando de Sousa



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

**Mesa Diretora
2021-2022**

Deputado Evandro Leitão
Presidente

Deputado Fernando Santana
1º Vice-Presidente

Deputado Dannel Oliveira
2º Vice-Presidente

Deputado Antônio Granja
1º Secretário

Deputado Audic Mota
2º Secretário

Deputada Érika Amorim
3ª Secretária

Deputado Apóstolo Luiz Henrique
4º Secretário



Escaneie o QR CODE
e acesse nossas
publicações